

A teoria conspiratória na Direita Alternativa nos EUA e no Brasil:

Uma análise psicanalítica

Frederico Martins Vergara

Brasília
Dezembro de 2020

Frederico Martins Vergara

A teoria conspiratória na Direita Alternativa nos EUA e no Brasil:

Uma análise psicanalítica

Projeto de Pesquisa apresentado à Faculdade
de Psicologia do Centro Universitário de
Brasília como requisito parcial para aprovação
na disciplina de Projeto de Monografia

Orientador:
Juliano Moreira Lagoas

Brasília
Dezembro de 2020

Sumário

1. Introdução.....	1
1.1 Objetivos.....	3
2. Método.....	5
2.1 Construção do Material.....	8
2.2 Análise do Material.....	10
3. As conspirações e a Direita Alternativa.....	13
4. A realidade virtual.....	19
5. O idiota e a pandemia.....	26
6. O neonazista contra o olavista.....	34
7. Trump e o Ocidente.....	44
8. Considerações finais.....	55
9. Referências.....	58

1. Introdução

O evento da pandemia do novo coronavírus chamou nossa atenção para o potencial destrutivo das teorias conspiratórias quando associadas à política no contexto contemporâneo. Referimo-nos, aqui, àqueles que tomaram por verdade os mais diversos fatos alternativos em relação à doença. Nos EUA e no Brasil, manifestantes foram às ruas protestar por sua liberdade de expressão e seus direitos de ir e vir, que estaria sendo autoritariamente roubado por gestores locais que decretavam medidas de contenção e isolamento. Muitos desses manifestantes faziam as mais diversas acusações em relação à inexistência ou à pouca relevância do evento pandêmico, dentre eles argumentos sobre a baixa letalidade da doença ou que só morreriam aqueles em grupos de risco, que os hospitais estavam vazios, que médicos estariam suprimindo tratamentos para inflar o número de casos, que caixões vazios estavam sendo enterrados para que se criasse maior alarmismo, que previsões científicas relativas aos números de casos e mortes seriam falsos, que medicações teriam total eficácia no tratamento da doença, que o surto teria sido forjado pelo governo chinês com anuência da Organização Mundial da Saúde — talvez o ápice da teoria conspiratória tal como a conhecemos hoje.

Enquanto, à primeira vista, os que se manifestavam de máscara nos chamaram atenção¹ pelo simples fato da absoluta contradição entre questionar a pandemia enquanto se utilizavam de meios para evitar uma potencial infecção. Dois outros tipos de manifestantes gradualmente nos chamaram mais e mais atenção: os que desfilavam com caixões e empreendiam buzinaços em frente a hospitais, surpreendentes exposições particulares ao Brasil. Os que se manifestavam sem máscaras. Esses sujeitos nos indicam que o nível de poder das fantasias ideológicas que circulam entre esses grupos de ação política que

¹ E talvez devamos destinar uma menção honrosa à deputada federal que utilizou uma máscara com os dizeres “e daí?” em sessão parlamentar, em alusão a resposta de Jair Bolsonaro a um questionamento sobre o número de mortos pela pandemia no Brasil (Uol, 2020a).

atualmente aderem às teorias conspiratórias, em especial na *alt-right*, excede o domínio do discurso político usual ou do entretenimento comumente associado à discussão sobre teorias da conspiração. É evidente que sempre tivemos notícias sobre o fato dos discursos políticos terem efeitos práticos importantes, como é patente quando abordamos, por exemplo, o racismo. Mas acreditamos que o que está em jogo nessas manifestações é algo de outra ordem. Se, por um lado, trata-se de uma boa oportunidade para explorarmos com maior profundidade as relações entre o grupo e seu líder, seja este líder um ideólogo, sua ideologia, ou até mesmo o inimigo em pessoa — e, assim, como a subjetivação e as dinâmicas afetivas estão intimamente ligadas ao fenômeno das teorias da conspiração e suas consequências políticas —, por outro lado, vislumbramos também a possibilidade de estender nossa reflexão até os níveis mais basilares da experiência psíquica — buscando entender como a fantasia política, interseccionada com as teorias conspiratórias, estrutura a própria realidade.

Nossa impressão de que a experiência do conspiratório tem consequências radicais tem sido construída desde que começamos a explorar o universo neonazista do Daily Stormer. Mas a experiência da pandemia do novo coronavírus redobrou nossas preocupações, uma vez que passamos a observar sujeitos que, em grupo, diante de todas as evidências amplamente disponíveis, não só seguem a direção desses fatos alternativos e das teorias conspiratórias, mas o fazem diante dos mais conscientes e explícitos indícios dos possíveis altos custos desse caminho. A nossa suspeita primeira foi a de que algo falta, ou é exclusivo, à experiência do conspiratório, no sentido de que os sujeitos nela imersos não podem perceber algo do que lhes permitiria o entendimento esperado de que o evento da pandemia, por exemplo, não é trivial ou inexistente; além disso, de que o vínculo político e a fantasia ideológica guardam relação intimíssima com esse acontecimento.

A pandemia é apenas um dos alvos da teorização dentro desses grupos, e nos servirá de ponto de partida, mas nossa pretensão é de uma compreensão mais ampla tanto da relação

do sujeito com a teoria conspiratória quanto da relação do fenômeno político da Direita Alternativa [alt-right] com a disposição à crença nessas teorias e também, assim, das relações entre o político, o psíquico, e a realidade. Nesse âmbito, a existência no mundo contemporâneo é intimamente relacionada com a habitação de ambientes virtuais que, como a podem facilmente servir como um espaço que abrange a vida de maneira totalizante, de modo absolutamente novo. Isso fica mais claro que nunca a partir do momento em que os discursos que organizam o social autorizam, de modo decisivo, por exemplo, que o trabalho, o mais importante dos significantes, seja exercido por esses meios. Temos, assim, na internet, de um lado, o sujeito conspiratório, imerso na virtualidade das teorias conspiratórias, e de outro o sujeito contemporâneo, normal, à deriva na virtualidade da contemporaneidade, o sujeito pós-smartphone.

Acreditamos que a problemática do acirramento da polarização política e a ascensão da retórica e ação autoritária no Brasil e nos Estados Unidos tem uma parte essencial de sua compreensão aqui mesmo: na dimensão virtual da experiência, que se torna cada vez mais a oficial, na qual se espera que a política tenha o seu mais importante lugar. Acontece que, como sabemos, as redes sociais são mais apropriadas para a antítese da política, e um tal motivo são as teorias conspiratórias, que compõem o conhecimento básico de certos locais desse virtual, locais em que essas teorias são tomadas por verdade. Ressalte-se que não falamos em “guerra de narrativas”, não nos parece termo adequado. Não parece-nos produtivo eufemizar algo que tem tão óbvias e sombrias consequências para pessoas que existem, e existem fora dessa virtualidade. E não são triviais — desde sua constituição, reconhecimento, desejo até sua fome, saúde e morte. Morte muitas vezes invisível, lembremos, normalizada e abertamente comemorada.

Uma vez que a teoria conspiratória permeia certos posicionamentos políticos e que a internet oferece meios sem precedentes para sua reprodução, a sua incidência na ordem social

torna-se, via política, progressivamente inevitável. Mas o que fazer quando a política torna-se defeituosa, e não se pode ver além dessas teorias? O que fazer quando as consequências são tão terríveis mas, simplesmente, talvez por isso mesmo, ignoradas por toda uma sociedade? Que fazer quando as fantasias ideológicas fazem emergir realidades tão radicalmente distintas que sua conciliação se torna aparentemente impossível? Novamente, para que se discuta essa diferença, analise-a e faça-se algum progresso, é preciso vê-la. Ignorar essa diferença parece-nos ser um dos caminhos que nos trouxeram até aqui e qualquer pacto que finja que nada está a acontecer apenas servirá ao retorno mais violento do que insiste-se em não ver.

Nossa impressão é a de que o sujeito conspiratório, em parte, não pode fazê-lo, não pode apreender essa diferença, como não pode apreender as evidências de que sua teoria não se confirmam perante o domínio do empírico, e acreditamos que essa é uma característica dominante no discurso da *alt-right*, ainda que não exclusivamente. Mas não só, em parte ele certamente faz, algo ele apreende, algo percebe, algo lhe faz desconfiar, porque algo sempre escapa a tentativa de totalizar o mundo. Já temos pistas, graças a Lacan, de como esse antagonismo opera, e nosso esforço será para compreendê-lo a fundo nesse contexto — das teorias conspiratórias da *alt-right* nos EUA e no Brasil. Acreditamos, pois, que esse esforço é uma bela oportunidade para caminhar em direção a construção de um consenso, com as limitações que a palavra impõe, que não seja dissimulado, e uma ação política que não tenda ao extermínio, como nos parece ocorrer no Brasil.

1.1 Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa foi examinar as estruturas e as condições de produção dos discursos da direita alternativa nos EUA e no Brasil, buscando compreendê-los à luz do fenômeno da crença nas teorias conspiratórias. Este exame foi conduzido, por sua vez, a partir da psicanálise em Lacan e Freud e, especialmente, dos desenvolvimentos de Slavoj Žižek acerca do ciberespaço.

Três objetivos específicos nos auxiliaram a estruturar nossa reflexão:

- (i) Analisar as relações entre duas expressões da *alt-right*: no Brasil e nos Estados Unidos.
- (ii) Compreender o papel das fantasias ideológicas na formação do discurso da *alt-right*.
- (iii) Examinar as dinâmicas intersubjetivas no interior da *alt-right*.
- (iv) Discutir a relação entre discurso, política e realidade na experiência do sujeito contemporâneo a partir da experiência do sujeito conspiratório.

O texto foi estruturado conforme diferentes temáticas provenientes dos discursos analisados, nossas elaborações teóricas sendo cumulativas ao longo do trabalho. À medida que avançamos no texto, avançamos na nossa apreensão teórica do fenômeno das teorias conspiratórias na *alt-right*, mas abarcando temáticas, teorias conspiratórias, relativamente distintas. Deste modo, todas as seções contam com algum tipo de análise do discurso, excertos das falas ou textos de distintos expoentes da *alt-right*. A primeira seção delimita o que compreendemos por Direita Alternativa e o que nos autoriza a pensar nesse movimento político como internacional. Aqui delimitamos melhor os subgrupos a serem explorados, conforme suas semelhanças, a saber, os neonazistas do portal Daily Stormer nos EUA, e os olavistas no Brasil, esses mais dispersos nas redes sociais brasileiras. A segunda seção inicia nosso empreendimento propriamente psicanalítico, e dispõe as bases fundamentais da nossa compreensão sobre a emergência da teoria conspiratória nos termos do sujeito da psicanálise. Propomos aqui a compreensão das teorias conspiratórias como uma expressão dos modos de existência do ciberespaço propostos por Žižek. Além disso, apresentamos as categorias do sujeito conspiratório e do sujeito pós-smartphone para fundamentar uma crítica acerca da maneira com que a contemporaneidade embarca num tipo de expressão e constituição subjetiva que remete à experiência do conspiratório a todo instante.

Na terceira seção apresentamos a categoria do idiota filosófico de Deleuze e Guattari, inspirando-nos na observações de Meteoro Brasil, para tentar apreender um tipo de relação que nos parece intrínseca ao fortalecimento das teorias conspiratórias na atualidade, essa entre o ideólogo e os seguidores. Fazemos isso a partir de um exemplo da interação entre esses dois momentos do idiota filosófico, que denominamos cético e criativo, em que o discurso de um desmonta o outro quando tentam expor seus entendimentos sobre a pandemia do novo coronavírus, de modo bastante peculiar. Na seção quarta abordamos o discurso de ambos os grupos em relação à tese que localiza na Revolução Sexual o início de uma pretensa degeneração cultural generalizada e argumenta que Freud teria fundado um movimento que visaria não só a liberação da mulher, já indesejada, mas também a progressiva indução ao “homossexualismo” e à pedofilia. Na última seção discutimos o líder político sob o olhar do sujeito conspiratório, que aparece no discurso como o herói ao resgate do “tradicionalismo” e da “Civilização Ocidental” num constante aparente antagonismo em relação ao conspirador. Utilizamos aqui os textos “Trump e o Ocidente” (Araújo, 2018) e a “Ressurreição da História” (Anlgin, 2014) para argumentar que, assim como o conspirador, o herói ocupará uma mesma posição no texto neonazista e olavista, que, além disso, é indissociável da fantasia ideológica do sujeito conspiratório, da teoria conspiratória.

2. Método

Este trabalho pretendeu investigar um discurso, aquele da Direita Alternativa, a partir de conceitos da teoria psicanalítica, a partir de Lacan e Freud, e as leituras de Žižek sobre a atualidade. Nosso objetivo foi não somente analisar o discurso, mas desenvolver possibilidades conceituais e teóricas a respeito desses conceitos, como é praxe na pesquisa em psicanálise (Rosa & Domingues, 2010). Desta forma, trata-se de uma pesquisa simultaneamente aplicada (psicanálise extramuros) e de base (psicanálise clínica)², de abordagem qualitativa e natureza exploratória.

O método empregado foi o da “análise psicanalítica do discurso” (Dunker et. al., ano?), espelhada nas propostas da vertente francesa de análise do discurso e da ideologia, de Pêcheux a Foucault, mas em constante associação com método psicanalítico como proposto por Freud e redesenhado por Lacan. A ênfase dessa análise está, como método: (i) no contexto do discurso; (ii) na forma de enunciação do discurso; (iii) no sujeito que enuncia o discurso e sua posição nesse contexto (Lagoas, 2017). O discurso, cabe ressaltar, “é mais que transmissão de informação, é efeito de sentidos entre interlocutores” (Pêcheux, 1969, citado por Orlandi, 2006, p. 14), o material produzido pelas relações (Foucault, 1997, citado por Azevedo, 2013). “Cada realidade se funda e se define por um discurso,” (Lacan, 1973, citado por Dunker et al., 2016, p. 116)³ e justamente o que pretendemos aqui é apreender esse processo de fundação, do qual emergem realidades tão inusitadas e ao mesmo tempo compartilhadas por tantos sujeitos.

² Acerca disso, concordamos com Elia (2000): “Toda e qualquer pesquisa em psicanálise é, assim, necessariamente uma pesquisa clínica, não tanto pelo fato de utilizar como ‘campo’ — campo da pesquisa dita ‘de campo’ — um espaço terapêutico — consultório, ambulatório, hospital ou outro —, modo como normalmente se concebe o caráter indicado pelo atributo ‘clínico’ dado a uma pesquisa. Em psicanálise não há, a rigor, ‘pesquisa de campo’, formulação que pressupõe a existência de outras modalidades de pesquisa, que justamente não seriam ‘de campo’ e sim ‘teóricas’, por exemplo, como se costuma dizer. Na psicanálise, há, isto sim, um ‘campo de pesquisa’, que é o inconsciente, e que inclui o sujeito. Por isso, a clínica, como forma de acesso ao sujeito do inconsciente, é sempre o campo da pesquisa” (p. 23).

³ Os três autores não tomam o discurso como a mesma coisa, essas são apenas convergências que embasam o entendimento do conceito a ser utilizado neste trabalho.

Entendemos, deste modo, que a invocação de Pêcheux é importante para a delimitação de nosso método, mesmo que nossa base maior seja a psicanálise. Uma articulação fundamental concerne aos “processos de significação”, essenciais ao entendimento do discurso, que não se dão sem vínculo ao contexto histórico, como propõe Pêcheux, mas também não sem vínculo aos processos inconscientes, como propõe Freud. Um outro lugar de convergência entre essas escolas é na AD tomada como análise da ideologia (Dunker et al., 2016), que não é diferente do que propomos aqui. Nesse sentido, “a linguagem não é transparente nem àquele que fala, nem àquele que ouve” (Lagoas, 2017, pp. 22-23), e só assim pode se dar tanto a análise, psicanalítica ou não, do discurso, quanto a própria psicanálise.

Consideramos, também, que o universo do discurso não existe: no que diz respeito ao sujeito, e à interação dele com a ideologia, o que há de ser analisado é a fala (Dunker, 2016; Dunker et al., 2016), pois é justamente na fala que se pode identificar as incongruências do discurso, as incongruências entre os papéis de sujeito e autor (Orlandi, 2015). Melhor exposto por Lacan, “a transmissão envolve um estilo, na qual a coisa tratada depende e é covariante com o modo de sua própria exposição” (1966, citado por Dunker et al., 2016, p. 113). Assim, não consideramos o discurso, palavras, nosso objeto último, nem consideramos nossas ferramentas de análise externas aos discursos. Evidentemente, procuramos estabelecer nossos procedimentos com rigor e fundamentados nos modelos teóricos que apresentamos, mas não nos iludimos com a pretensão de uma metalinguagem, o que pode ser considerado um ponto de divergência à proposta de Pêcheux (Dunker et al., 2016). Desse modo, a construção um dispositivo de interpretação implica não no desvelamento de fatos concretos, mas no estabelecimento de fatos discursivos, fatos que dizem respeito tanto ao dispositivo de análise quanto ao discurso em questão. A descrição não está isenta de interpretação, eis o motivo

pelo qual não julgamos fazer coleta de dados, mas a construção de um material para análise (Orlandi, 2015).

Há de sublinhar-se que o que propomos aqui é sobretudo psicanálise em extensão — parte da práxis psicanalítica desde Freud —, não no sentido de que não é pesquisa clínica (cf. Elia, 2000), pois nossos métodos, teorias e campo são os da clínica, mas no sentido de que o nosso enfoque é um fenômeno sócio-político e cultural, refletido em um discurso, que excede as dimensões do divã, mas que surge das dimensões do divã. Entendemos, assim como Roudinesco (1994), que esta é uma forma de repensar “a ordem institucional em função de uma primazia atribuída à ordem teórica” (citada por Rosa & Domingues, 2010, p. 181). Nesse sentido, pode surgir o questionamento sobre a validade de uma pesquisa em psicanálise, ou de uma prática analítica, que não disponha do dispositivo analítico clássico, da transferência ou da associação livre, que levantamos apenas para apresentar a sumária resposta oferecida por Rosa (2004): “O sujeito do inconsciente está presente em todo enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação que o transcende” (p. 342).

2.1 Construção do material

Tomamos como referência, para a construção do material de análise, escritos e vídeos publicamente disponíveis de representantes dos grupos da Direita Alternativa que mencionamos mais cedo: no Brasil, os olavistas, e nos Estados Unidos, os colaboradores do Daily Stormer. Os conteúdos da parte americana estão bem aglomerados na página atual do Daily Stormer⁴, de onde extraímos a totalidade do material. Trabalhamos principalmente princípio com os textos “A Normie’s Guide to the Alt-Right” e “A Ressurreição da História”, de Andrew Anglin (2016, 2014), os textos de Frei (2017, 2019a, 2019b) e o vídeo de Duke (2014). O material relativo à parte brasileira é um pouco mais disperso, selecionamos o livro de Olavo que citamos mais cedo (Carvalho, 2013), com atenção especial ao capítulo *100 anos*

⁴ Disponível em: <http://dailystormer.su>.

de pedofilia, um vídeo em que o escritor discorre sobre a pandemia do coronavírus com associados pela página Brasil Sem Medo (2020) no Facebook e o texto “Trump e o Ocidente” de Ernesto Araújo (2018). Citamos alguns materiais além destes, sempre provenientes do Twitter, Facebook, YouTube e do Daily Stormer.

Alertamos para o fato de que muitas das postagens realizadas nas redes sociais por esses grupos são apagadas, seja pela própria rede social, por violações aos termos de uso, seja pelo próprio autor, com receio de algum tipo de repercussão séria, e que, portanto, trabalharemos com versões registradas particulares desse material. Na mesma linha, os endereços do Daily Stormer que referenciamos é recorrentemente alterado, sendo a versão da *deep web*, também nas referências (Anglin, 2016), a mais estável.

A construção do material diz respeito ao momento em que tornaremos o conteúdo bruto proveniente desses arquivos no que denominamos, com Orlandi (2015), fatos discursivos. Podemos compreender esse processo como uma consolidação do material selecionado, onde empreenderemos, além de uma formalização e organização, uma análise prévia do material num nível microscópico e interno. Nessa etapa, não trabalharemos propriamente com nossas hipóteses, mas sinalizaremos as passagens, características, interações, deslizos, repetições e omissões na superfície do texto, sublinharemos aquilo que se mostrar relevante, como em análise. Deste modo, avançaremos no sentido de uma análise da forma, ao mesmo tempo reservando, ainda que minimamente, nosso vieses acerca do que acreditamos se passar com os investigados. Poderemos, também, formular hipóteses um pouco mais específicas, relativas a um texto ou um sujeito em particular, uma vez que novos elementos se farão visíveis. Quanto ao material em vídeo, além desses procedimentos, realizaremos antes transcrições parciais das falas em documentos que incluirão também aspectos não-verbais que as acompanham, como cadência, expressões, particularidades,

entonação — a maneira como enuncia-se em geral. Em adição, o material em língua estrangeira constará livremente traduzido no relatório final.

2.2 Análise do material

A ferramenta basilar do nosso “dispositivo de interpretação” (Orlandi, 2015, citado por Lagoas, 2017, p. 23), são as ferramentas da língua, as próprias metáforas, analogias, aforismos característicos da proposta lacaniana (Dunker et al., 2016). Além da teoria psicanalítica, a fim de uma delimitação mais sintética, enumeramos junto a Orlandi (2015) alguns critérios-chave da análise. No nível material, real: a descontinuidade, a contradição, a dispersão, a falta, o equívoco; no nível representativo, imaginário: a coerência, a unidade, a completude, a clareza. Estes critérios se relacionam intimamente com a relação discursiva, estabelecida por Pêcheux, no que se refere aos papéis de autor e sujeito, texto e discurso, e ao mesmo tempo em substancial consonância com a proposta de Lacan tanto no que fala do discurso quanto no que fala da constituição do sujeito. Como excepcionalmente assinalado por Orlandi (2015), o discurso se constitui da mesma forma que o sujeito em Lacan, na articulação descompassada entre o domínio do real e o domínio imaginário. Sem essa articulação não há possibilidade de análise.

A identificação dos indicadores textuais-discursivos relativos a estes critérios, por sua vez, balizaram a análise macroscópica do discurso. Mais propriamente, esse nível da análise buscou no discurso as seguintes, mais amplas, diretrizes: (i) suas qualidades formais, a posição do sujeito e os significantes mestres que o organizam; (ii) seus modos representativos, elementos de repetição, relações metafóricas e metonímicas; (iii) a estrutura de ficção preponderante; (iv) a forma como se resolve a relação entre modo de exposição e o conteúdo afirmado ou negado; (v) a forma com que lida com sua impossibilidade estrutural (Parker, 2005, citado por Dunker et al., 2016). Esse plano para análise, reconhecemos, tem maior facilidade de ser aplicado ao discurso clínico ou para a análise psicopatológica de um

caso, o que não foi nosso objetivo. Não obstante, como veremos, essas características dificilmente escapam à enunciação, principalmente quando discorre-se sobre um tema tão caro quanto a teoria conspiratória é para o sujeito conspiratório.

Num eixo adicional, que se deu ao longo de todo o processo, utilizamos as elucidações providas pela análise dos discursos para a compreensão mais ampla dos fenômenos apresentados na introdução: o sujeito conspiratório, a direita alternativa, e a teoria conspiratória. Esse é o nosso objetivo último, a articulação entre as análises em algo que pretende ser indicativo de um modelo discursivo geral da *alt-right*, com a ênfase na teoria conspiratória e como ela afeta a realidade.

Esse momento, é importante dizer, excede o que se define por análise do discurso⁵, trata-se mais de uma reflexão acerca dos fenômeno e do que pudemos compreender, uma conclusão necessária para nossa proposta. Nesse contexto, propomos um esforço como o empreendido nos textos “Patologias do social” (Safatle et al., 2018), “A personalidade autoritária” (Adorno et al., 2019), ou “Psicologia das massas e análise do eu” (Freud, 1996), que buscam acima de tudo conferir um ponto de vista sobre fenômenos sociais utilizando-se das ferramentas da psicanálise. Ou seja, quando passamos a colocar em perspectiva a experiência do conspiratório com o mundo contemporâneo, os modos de relação, subjetivação e sofrimento disponíveis, as atualizações dos discursos socialmente predominantes, a crescente virtualização, enfim, uma infinidade de coisas que só poderão resultar em mais uma leitura desses fenômenos — o que é precisamente nossa intenção, oferecer mais uma maneira de ler as coisas.

⁵ Ainda que possamos inclui-lo no título de análise psicanalítica do discurso se quisermos dizer que qualquer análise psicanalítica é uma análise do discurso.

3. As conspirações e a direita alternativa

As teorias da conspiração sempre tiveram um papel histórico relevante, sobretudo no campo da política (Raikka, 2009; Levitsky & Ziblatt, 2018), desde suas relações com o populismo norte-americano (Clarke, 2002; Hofstadter, 2012), até os genocídios de Hitler e Franco (Preston, 2012). Junto à reaparição do fantasma do fascismo e o avanço das comunicações por meio da internet e das redes sociais, num processo de globalização da conspiração (Cosentino, 2020), essas teorias vêm se mostrando cada vez mais presentes e seus efeitos cada vez mais concretos.

Em 2017, argumentos de que um “genocídio branco” estaria em curso e de que uma elite judia estaria por trás desse empreendimento levaram à morte de uma mulher, atropelada durante um contraprotesto a uma manifestação branco-supremacista. Sobre o ocorrido, promovido por um neonazista integrante da chamada Direita Alternativa, a *Alt-Right* (Wilson, 2017; Katz, 2017), Donald Trump comentou que muitos estavam errados em ambos os lados. No Brasil, três anos depois, integrantes de um grupo de militantes anuídos por Jair Bolsonaro e o clã presidencial, os *300 do Brasil*, faziam manifestações em frente à Suprema Corte do Brasil com estética idêntica à do levante neonazista, ambos ridiculamente inspirados pelo imaginário do Ku Klux Klan (Uol, 2020b).

Esse genocídio branco, por exemplo, é uma das teorias conspiratórias centrais para o pensamento da Direita Alternativa nos Estados Unidos. No portal do *The Daily Stormer*, importante publicação neonazista norte-americana, um *banner* fixado na página inicial mostra um gráfico que ilustraria em tempo real o declínio da população branca não apenas nos Estados Unidos mas no mundo — faltariam 23 anos para o “declínio demográfico” da população branca. Em meio a diferentes possibilidades de definição da Direita Alternativa, a preconizada luta contra o suposto extermínio do homem branco, seus valores, costumes, raça é certamente uma das melhores formas de fazê-lo (Lyons, 2017).

Uma outra característica também se esconde na maneira como se nomeiam esses novos supremacistas: eles não são somente *a* alternativa, são também alternativos e, como tal, lançam mão dos “fatos alternativos” para expressar suas ideias (Wilson, 2018). Não podemos afirmar com exatidão em que medida a nova onda de extremistas conservadores no Ocidente e o discurso da pós-verdade, ambos simbolizados muito bem pela figura de Donald Trump, guardam relação com o conspiracionismo, mas não podemos duvidar de que são fenômenos intimamente relacionados. Andrew Anglin (2016), neonazista fundador do Daily Stormer e notório agitador político norte-americano afirma textualmente: Trump é “o nexo de tudo”⁶, referindo-se à ideia de que a sua eleição colaborou para que diferentes grupos supremacistas pudessem sair dos confins da internet escura e aparecer diante do mundo, sem medo de expressar seu racismo e outros preconceitos, juntando-se por uma causa maior sob esse novo título.

Essa recrudescência do branco-supremacismo, via internet, é mais ou menos no que consiste a *alt-right*. O fato alternativo, por sua vez, é do que trata a teoria conspiratória — explicações novas e invisíveis para eventos amplamente conhecidos, das quais apenas um seletivo grupo de pessoas dispõe (Raikka, 2009). O revisionismo, nesse sentido, é uma parte importante da teoria conspiratória, não podendo, assim, deixar de fazer parte dos pilares elencados por Andrew Anglin ao descrever a Direita Alternativa. Ele nos conta sobre uma outra teoria conspiratória crucial para o entendimento neonazista da realidade do “mundo ocidental”. Se durante a Segunda Guerra Mundial a possibilidade de que um absurdo como o Holocausto estivesse em curso era a teoria conspiratória (Raikka, 2009; Brasil Sem Medo, 2020), hoje, entre os neonazistas da *alt-right*, a teoria é a de que não houve Holocausto (Butz,

⁶ Apesar de nossas impressões, volta e meia corroborada por pesquisadores (Nemer, 2019; Dias, 2019), é difícil precisar em que medida a figura de Bolsonaro teve papel parecido no Brasil. Kalil (2020), por exemplo, semelhante [acho que tá faltando algo aqui] a descrição empregada pelo neonazista e Lyons (2017) para falar de Trump, fala em Bolsonaro como uma “cola” unindo diferentes vertentes da direita radical brasileira. A propósito, perguntada acerca de uma “Direita Alternativa” brasileira, Kalil destaca a ação Movimento Brasil Livre (MBL), grupo com influências evidentes do olavismo.

1985), uma mentira que serviria apenas como “a fundação sobre a qual o sistema moderno de culpa branca” seria construído (Anglin, 2016)⁷. No Brasil, o Holocausto também aparece, ainda que de modo muito mais cômico, como na tese de que administradores públicos, ao aplicarem medidas de isolamento social para contenção da pandemia, estariam agindo como Hitler mandando judeus aos campos de concentração, roubando o povo de sua liberdade (Uol, 2020c).

Argumentamos que alguns grupos de ação política no Brasil são virtualmente parte, em vários aspectos, do movimento global da Direita Alternativa⁸. Justifiquemos brevemente essa colocação, mais uma hipótese do que um fato. Para tal, delimitemos os grupos aos quais nos referimos aqui. Nos Estados Unidos, nosso objeto é o já mencionado *Daily Stormer*, como expressado por alguns importantes membros e conectados (e.g. Andrew Anglin, Christopher Cantwell, David Duke, Kevin MacDonald). Essa escolha se deve ao fato de que é um grupo relevante para *alt-right*, relativamente acessível e grande, com qual já temos alguma experiência de pesquisa. Trata-se, assim, de um dos grupos que compõem a *alt-right*. No Brasil, nosso objeto é a seita virtual de Olavo de Carvalho, como expressada pelos porta-vozes do que tem sido nomeado por alguns pesquisadores como “olavismo” (Galinari, 2019;

⁷ Um dos ingredientes desse revisionismo é trazido por um intelectual importante ligado ao *Daily Stormer* em uma série de trabalhos acadêmicos (MacDonald, 1994; 1998), nos quais tenta argumentar pelas vias da psicologia evolucionista que os judeus são mais intelectualmente desenvolvidos que outros grupos étnicos, feito que teriam alcançado por práticas culturais de eugenia. Curiosamente, esse argumento é utilizado para explicar como os judeus seriam capazes de influenciar a sociedade e, então, justificar seus desejos segregacionistas que, há pouco, se baseavam na crença de superioridade branca. Revistaremos essa culpa branca e o legado antiocidental no texto de Ernesto Araújo, discutido na seção *Trump e o Ocidente*.

⁸ Essa é uma das questões que pretendemos abordar na pesquisa — a semelhança política e fantasmática entre os grupos brasileiro e norte-americano e seus integrantes, e o papel do que é virtual e digital nessa relação. A propósito, não equipararíamos o nome *alt-right* à expressão “nova direita” que tem sido utilizada no país (cf. McCann, 2018; Goldstein, 2019; Santos & Tanscheit, 2019) para designar um grupo em parte correspondente à *alt-right*. Isso porque a direita alternativa é composta exclusivamente de extremistas, enquanto a nova direita designa um conjunto mais amplo de posicionamentos, principalmente quando citada na imprensa brasileira. Observações nesse sentido tem sido apresentadas por alguns pesquisadores, como Cesarino (2020b) e Stanley (2020), que abordam sobretudo a convergência entre a ação política de Trump e Bolsonaro, ambos ligados a esses grupos radicais.

Cesarino, 2020a) (e.g. Olavo de Carvalho, Filipe Martins, Ernesto Araújo, Sara Winter)⁹.

Essa escolha se deve aos mesmos motivos, é um grupo relevante para a extrema-direita brasileira, relativamente grande e acessível. Ambos os grupos, cabe ressaltar, são comumente localizados nos extremos do seu já extremo posicionamento político.

Visto que nossa proposta é de uma investigação sobre os sujeitos conspiratórios, torna-se oportuno apontar esse apreço pelas teorias conspiratórias como uma das principais convergências entre esses grupos. Durante as seções seguintes, abordaremos algumas ideias específicas que destacam com clareza uma mesma teoria conspiratória defendida por ambos, a saber, a tese do marxismo cultural e a ameaça sexual representada por seus defensores, a qual, tanto para olavistas, quanto para neonazistas, alcançam até os trabalhos de Freud (Carvalho, 2012; Duke, 2014; Meteoro, 2019). Para ambos os grupos, as teorias conspiratórias são fundamentais. Se quisermos lembrar de outras teorias abraçadas por eles, podemos citar a desconfiança em relação ao aquecimento global ou até o terraplanismo. Das exclusivas à parte brasileira, talvez a mais notória seja a tese da inexistência do golpe militar de 1964 e da subsequente ditadura (Gortazar, 2019).

Uma segunda semelhança é o ambiente virtual em que esses grupos agem predominantemente, e algumas consequências disso, tal como organização partidária rudimentar (Horbach, 2018). Esse aspecto digital é uma característica definidora da *alt-right* americana (Lyons, 2017), e é também uma característica do grupo de Olavo, cujo principal método de ação, hoje, consiste videoconferências e encontros virtuais com apoiadores e assinantes de seu curso de filosofia online, além da interação e divulgação via redes sociais, que, por sua vez, revela também as aproximações no modo com que esses ativistas se

⁹ Esse grupo é muitas vezes identificado como a “ala ideológica” do governo de Jair Bolsonaro, sendo compreendido como o lado mais marginal do bolsonarismo. Ressalte-se, assim, que tratamos a princípio do grupo de Olavo de Carvalho, mas compreendemos que sua influência sobre o bolsonarismo e até a “nova direita” como um todo é importante e que, deste modo, o alcance e a influência das elucubrações de Carvalho sobre parte do eleitorado de Bolsonaro será um dos assuntos tratados em nossa pesquisa. Destarte, localizamos parte do bolsonarismo dentro da direita alternativa brasileira.

comunicam — vários aspectos essenciais são comuns: a comunicação direta entre as lideranças e os seguidores, o questionamento constante das vias usuais de informação, a utilização predominante da memética humorística, a ironia e declarações ambíguas (cf. Cesarino, 2019; Nagle, 2017). Cabe mencionar que o grupo brasileiro tem um poder de influência escancarado na política nacional, enquanto sua ação nos Estados Unidos é bem menos óbvia, ainda que cada vez mais relevante (cf. Smith, 2020; Luscombe, 2020, Finchelstein, 2020).

Mas as principais semelhanças entre os grupos estão nos valores políticos defendidos por ambos. Resumidamente, alguns destes são: (i) o anticomunismo, caracterizado pela desumanização daqueles que portam esse mal, muitas vezes referido a como “degeneração” ou alguma sorte de doença — status que abrange algumas minorias que variam de acordo com o subgrupo, mas sobretudo os negros¹⁰; (ii) o patriotismo e o nacionalismo, em sua iteração mais exacerbada, que constantemente rememora um povo original que construiu a nação — que não é negro ou indígena — e estaria vendo tal nação ruir; (iii) o tradicionalismo, em associação ao reacionarismo, muitas vezes chamado de conservadorismo por ambos, apesar das não-incomuns referências à contrarrevolução, ruptura institucional, insurgência, ou violência de modo mais amplo; (iv) a reiterada menção a vários artigos ou às próprias Constituições de ambos os países, o que, além de dar ares democráticos aos seus movimentos, tenta enfiar esses ideais ideológicos no seio dos pactos que definem esses Estados; (v) a “liberdade de expressão”, normalmente alinhada com o discurso de ódio e oposta ao “politicamente correto”; (vi) a defesa do direito quase irrestrito à propriedade e porte de armas, ao mesmo tempo para a proteção pessoal e para defesa contra a iminente escalada autoritária do Estado; (vii) a oposição aos direitos das mulheres e a população LGBTQI+ — o que é entendido por eles como a “defesa da família” frente à “ideologia de

¹⁰ Nesse sentido, a colocação de que não há racismo se faz presente com frequência.

gênero” e o prospecto de uma “ditadura gayzista”¹¹; (viii) a alternatividade, no sentido de uma oposição ao *mainstream* e ao *establishment*, político e social, o que inclui também a “direita tradicional”, a “velha política” e a “grande mídia”. É importantíssima a afirmação de que se trata de subgrupos distintos e que há, portanto, divergências em diversos pontos — tanto quando comparamos o grupo de Olavo de Carvalho com o *Daily Stormer* quanto quando comparamos a direita radical brasileira com a *alt-right* como um todo. É também oportuno mencionar que a direita alternativa americana é consideravelmente mais estudada e melhor definida do que a seção da extrema-direita brasileira que chamamos aqui de direita alternativa brasileira.

¹¹ Este último termo é peculiar ao Brasil.

4. A realidade virtual

Zizek (2004), há mais de 15 anos, apontava para os caminhos que poderia tomar a sociedade hiperconectada, no que ele nomeia de ciberespaço. Nesse breve artigo, ele relata vislumbrar um mundo em que os limites entre o virtual¹² e o real, o concreto, se mostrariam cada vez mais indistintas, em que a integração do homem e a tecnologia seria eventualmente *total*¹³. O que ele previa era algo na ordem da realidade virtual mais ou menos como representada no longa *Matrix* (Wachowskis, 1999), algo decerto diferente da realidade em que vivemos hoje. Se por um lado não estamos submersos numa realidade física completamente paralela, do ponto de vista da percepção, por outro, a ação das tecnologias da comunicação e outros avanços tecnológicos sobre nossa experiência, sobretudo com a introdução do smartphone, é certamente tão relevante quanto o que se passa no universo de *Matrix*¹⁴.

As analogias possíveis são as mais diversas¹⁵, mas nos parece central que o impacto dessas tecnologias, que não alteram diretamente o mundo percebido, se pararmos para pensar, é exatamente o impacto que teria uma realidade propriamente paralela, alternativa. Dito de outro modo, nossa existência no mundo hoje é tão diferente do que era antes do smartphone, que não importa tanto o que mudou no mundo físico — uma afirmação que certamente não deverá causar estranhamento à perspectiva psicanalítica. Nesse sentido, pouco importa essa

¹² Falamos aqui estritamente em virtual como aquilo que decorre, simulado ou não, das tecnologias da comunicação ou meio eletrônico.

¹³ Em um trabalho mais recente, Zizek (2020) atualiza sua proposição acerca dessa “singularidade pós-humana” em relação aos desenvolvimentos tecnológicos provenientes dos empreendimentos de Elon Musk em seu “*neuro link*”, que promete — de modo muito promissor, segundo Zizek — exatamente a comunicação “direta” entre “mentes”, “pensamentos” — segundo Musk, *sem a interferência da linguagem*. Mencionamos essa curiosidade pelas importantes implicações que tem em relação ao modo como a Psicanálise concebe a subjetividade, do ponto de vista mesmo interno. O panorama que vislumbramos aqui é mais amplo, mas podemos considerar que essa interação total prometida pelo *neuro link*, sobre qual Zizek (2020) propõe interessantíssimas elaborações, faz necessariamente parte dele, ou seja, há necessariamente essa comunicação quase mágica entre mente e máquina — obviamente, não insistimos na asserção sobre a ausência de mero atrito da linguagem na comunicação.

¹⁴ Esse exemplo visa ilustrar a ideia de uma unidade perfeita entre o mundo virtual e o mundo concreto, sobretudo no tocante à ação concreta do sujeito que, aqui, traduz-se instantânea e conjuntamente, sem fricção ou distinção, numa ação virtual.

¹⁵ Cf., por exemplo, Zizek (2001, 2002).

capacidade de nos comunicarmos instantânea e diretamente via pensamento, como conjectura Zizek, uma vez dada a possibilidade de fazê-lo por meio da variedade de aplicativos que servem à comunicação já hoje, justamente como não precisamos que os smartphones estejam implantados em nós para que andemos grudados neles e que, no final das contas, eles sejam efetivamente parte do nosso corpo. Quando dizemos que pouco importa, falamos sobre o efeito de realidade desses modos de interação com a tecnologia na experiência do sujeito, que não é necessário que uma coisa *seja* para que ela seja percebida *como tal*¹⁶.

Novamente nos vemos nessa linha intuitiva que separa o que é virtual do que é (ou seria) concreto, para constatar, como sempre, tratar-se uma distinção pouco sustentável. Postulamos que a distinção não mais existe e que como tal nunca nos sairá da memória. Talvez, nesse sentido, precisemos tecer um novo mito para falar do sujeito “pré-smartphone” e sua entrada no mundo virtual, mas aí deveríamos perguntar também: em quê essa entrada difere do momento em que sujeito pré-mítico entra na linguagem? Tocamos nessa questão, da distinção, apenas para constatar a opinião de que trata-se de algo sobre qual devemos nos debruçar, e com certa urgência, essa nova origem do homem. Nos vemos de uma hora para outra num mundo completamente novo e, à boa moda humana, apesar de reconhecê-lo de vez em quando, nossa postura é em geral a de ignorância e inércia ao fato — sua importância, abrangência, consequências, etc.

De todo modo, queremos dizer que não importa não haver a Matrix alucinatória, que forneceria todos os dados necessários para a formação da percepção, no sentido de que o concreto como tal pouco importa para o sujeito da linguagem, importando, antes, a relação entre os símbolos e as nossas interações imaginárias, uma vez que o Real sempre esteve de fora. O que não quer dizer que o Real não faz parte da equação. Na verdade, uma questão

¹⁶ Na verdade, em Freud, trata-se justamente do contrário — para que o psiquismo confira esse efeito de realidade a determinada percepção, reconhecê-la, ela deverá sempre corresponder ao que ele espera, o que por sua vez implica referência a uma percepção original necessariamente alucinatória (Lagoas & Chatelard, 2020).

crucial é que há de haver Real, e há de haver distância entre o sujeito e o Real, como deve haver também distância entre o sujeito e o Outro. Mas onde vai parar a distância quando encapsulamos o Outro e enfiamos-lhe no bolso diariamente, isso nos poucos momentos do dia em que não ficamos encarando-o?

Ainda que no passado, Zizek (2004) assinala a condição primordial do sujeito “pós-smartphone”: a suspensão do Mestre como função Simbólica (ordenadora, civilizadora, castradora, etc.). Quando não há ninguém para dizer o que o sujeito deve fazer e cabe a ele dizer, sozinho, o que ele deseja, a possibilidade de escolha desaparece, ele é absolutamente dominado pelo Outro: “*If no forced choice confines the field of free choice, the very freedom of choice disappears* (p. 801)”. O excesso de escolha torna-se a impossibilidade de escolher — “a anorexia informacional” (Zizek, 2004). A ausência do Mestre, continua Zizek, é característica justamente do Real, cada vez mais próximo. O vizinho, agora representado por um perfil virtual, todas as informações relevantes à disposição, se afasta de seu corpo físico, ao mesmo tempo que, e por isso mesmo, torna-se cada vez mais presente e cada vez menos vizinho. Na medida em que a distância entre todos se equaliza, a presença de todos ao mesmo tempo e do mesmo jeito torna-se algo de fantasmático¹⁷. Nesse mesmo movimento, o Real, em vista dessa proximidade, torna-se mais recorrente e desconcertante que nunca.

Quatro hipóteses são elencadas pelo autor para esse sujeito do ciberespaço. Na primeira hipótese, podemos falar que essa suspensão do Mestre caracterizaria o fim do Édipo. Essa hipótese se desdobra em duas formas: (a) regressão à psicose pré-simbólica, a imersão n’A *Coisa*, em que o sujeito, abrindo mão do Simbólico, se manteria num ambiente de superposição Imaginária e Real; (b) a libertação da Lei, possibilitada pelo mundo virtual, em que poderíamos abandonar nossa identidade Simbólica, de um único Eu, superando a posição

¹⁷ Uma infiltração generalizada do *Unheimliche*, talvez? [tem que explicar isso de Unheimliche, traduzir o termo, enfim, inteirar o leitor sobre a discussão da qual se trata aqui]

em que o Outro nos colocara antes mesmo de nos fazermos sujeitos, para nos perdermos numa incessante troca de identidades (de modo primordialmente Imaginário)¹⁸.

A segunda hipótese descreve o ciberespaço como mediador das relações entre o sujeito e o Outro, como o Terceiro, agente da ordem, mas com a forma de simulacro (Imaginário), completo e transparente (numa sorte de fusão de mãe e pai). Tratar-se-ia, nesse caso, de uma nova forma de Édipo, complementar à versão original do Édipo em Freud, em que o sujeito, ao ingressar no simulacro, partiria já de sua relação com o Outro, em um movimento de substituição do Simbólico pelo simulacro. Essa hipótese sustenta crucialmente que a problemática do desejo permanece no ciberespaço, mas que, dissipada e dissimulada a função do Simbólico por toda extensão da própria realidade (o simulacro), agora primariamente percebida por uma falsa imagem, se dá a radicalização da experiência da Lei — agora mais invisível e mais presente. Aqui, a distância entre o sujeito e seu perfil na rede é o ponto de emergência do sofrimento — uma inevitável distância contratual em que o sujeito se implicará toda vez que aceitar os termos de compromisso —, uma vez que essa distância nunca é suprimida, apesar do que indica o simulacro, dinâmica sustentada pelo fato de que o Édipo original não deixou de ocorrer, como nas primeiras hipóteses (Zizek, 2004).

Zizek (2004) busca um ponto de equilíbrio entre as possibilidades do fim do Édipo e da sua substituição, modos de organização que implicariam em modos de existência, ao ver de Zizek, demasiado radicais, improváveis. O ponto essencial para Zizek é o papel ativo que tem o sujeito na entrada no ciberespaço, daquele que aceita os termos da realidade virtual. Essas hipóteses são apresentadas para argumentar que a inexistência (material) do grande Outro é mais radical nos tempos atuais do que em qualquer outro momento. Se num primeiro momento a utilização ativa da ordem Simbólica seria sempre necessária para que o sujeito pudesse interagir socialmente, bem como para o funcionamento da sociedade, nesse novo

¹⁸ Temos aqui um pedaço da insistente crítica de Zizek a concepção de gênero em Judith Butler.

momento, caracterizado pelo virtual, o sujeito não apenas abre mão dessa ordem Simbólica, mas, nesse simulacro, propõe-se a se basear no que sabe ser Imaginário, de maneira que ordem Simbólica faz-se ainda mais questionável e estranha para esse sujeito¹⁹. A ordem Simbólica permanece em ação, que fique claro, mas a relação do sujeito com ela atinge um ponto de irreconciliação sem precedentes, o que tem o seu custo. Mais grave ainda, enquanto a virtualidade descrita por Zizek seria passível de acesso eventual, quando decidíssemos fazê-lo, *a virtualidade que temos não permite tal distinção*: ela está inserida, impregnada, quase que por completo na nossa experiência concreta, na nossa *única* realidade. O que chamamos de simulacro aqui já não é a Matrix, mas a realidade do mundo pós-smartphone. É possível que justamente por não ser a Matrix — separada, sendo na verdade um simulacro disposto sobre o mundo ao qual, hipoteticamente, tínhamos acesso, como uma forma de realidade aumentada²⁰ —, esse efeito descrito por Zizek seja ainda mais imponente. Não existe aqui a possibilidade de sair da Matrix, não existe também a vontade de fazê-lo. Como constata

¹⁹ Falamos, assim, de um entendimento histórico acerca do papel da instância do Simbólico, como ordem Simbólica, na vida do sujeito — da crise da subjetividade que segue, num primeiro momento, a invenção da subjetividade em Descartes e, depois, do questionamento desta e da razão esboçado por Kant e absolutamente escancarado pelos pós-modernos. Essa crise encontra a psicanálise em muitos momentos, mas está decisivamente presente no argumento de Lacan acerca do declínio da *imago* paterna, que nos é importante aqui, ao descrever a estagnação do sujeito frente à Lei, impedido da possibilidade de transgressão tão essencial para seu desenvolvimento, diante da impossibilidade de identificações simbólicas (Safatle, 2020) e, assim, compelido a esse exercício imaginário do simulacro. Safatle (2020), que nos lembra desse declínio, faz também uma importante colocação a respeito do fascismo, a saber, que a “personalidade autoritária” que alguns autores da Escola de Frankfurt (como Adorno et al., 2020) localizaram na constituição e ascensão do fenômeno político na década de 30 diz respeito a características que Lacan vê, na verdade, na própria constituição do Eu — em seu narcisismo e sua paranoia —, mas também que, dada essa transformação da ordem patriarcal e do modelo da família tradicional, o Eu moderno redobrará suas apostas na constituição de uma identidade supostamente autossuficiente, individual, que desconhece suas origens e predominantemente imaginária — uma colocação intimamente relacionada com a nossa proposta na medida em que o sujeito pós-smartphone é esse Eu moderno de que fala Safatle. O ciberespaço, por sua vez, é o meio ideal para que esse Eu se engaje nesse empreendimento de negação da sua alteridade constitutiva e, assim, de todas as outras alteridades. Além disso, o nosso argumento aproxima-se do de Safatle quando ele diz que essa personalidade autoritária não é característica do fascista, mas característica do contemporâneo, tal qual o sujeito pós-smartphone e o sujeito conspiratório compartilham esse modo fundamental de existência: a “constituição do mundo a sua imagem e semelhança a fim de impedir toda dinâmica efetiva de transformação de si” (Safatle, 2020, p. 22).

²⁰ Realidade aumentada é a tecnologia que insere aspectos virtuais em contextos reais, normalmente por via de filmagens ou fotos, em tempo real, como os filtros de animais do *Snapchat* ou no jogo para celular *Pokémon Go*.

Zizek (2002), essa é uma suposição própria do simulacro, não há nada por trás dele que não o vazio do Real — quando no simulacro, não há algo fora dele²¹.

Esse movimento de redução da confiança no Simbólico, de desautorização do Outro, é um dos vetores que possibilitam o que chamamos de *teoria da conspiração*, cuja análise, deste modo, propomos a partir da leitura de Zizek sobre o ciberespaço. Isso se justifica em dois tempos: em primeiro lugar, o ciberespaço é a condição do mundo contemporâneo, do sujeito pós-smartphone; em segundo, a maneira com que se dão as relações nas redes sociais, um exemplo decisivo da realidade virtual como proposta por Zizek, tem se mostrado imprescindível para o redimensionamento do papel da teoria conspiratória na subjetividade de nossos tempos, e isso se agrava pelo fato de que as redes sociais tem papéis muito semelhantes tanto para o sujeito conspiratório quanto para o sujeito “pós-smartphone”. A relação do fenômeno com a *alt-right* é também caracterizada por outras vias, relacionadas a emergência desse ciberespaço. Uma delas engloba desde a crise da subjetividade e a dessignificação secular até ciência dos dados e o asceticismo liberal — fatores históricos muito relevantes na medida em que incidem no desamparo do sujeito moderno. A conspiração, nesse âmbito, pode ser entendida como tentativa de consertar a ordem Simbólica, e, em última instância, de tamponar a falta do Outro, tentativa que se dá por sua

²¹ Esse conflito essencial entre o sujeito e seu meio, hoje tecnológico, está na base do sofrimento do sujeito conspiratório, mas também do sujeito contemporâneo em geral. Ele pode ser descrito, aqui, por essa constante tentativa transição entre esses universos, intelectivamente separados (virtual, real) — nos termos da analogia de Zizek, o conflito entre a Matrix e aquilo que está fora dela. O sujeito contemporâneo entende permitir-se ser efeito do simulacro nas redes sociais, porque conclui antes que o universo da rede social é distinto do universo concreto — distinção problemática, porque ele, sujeito, é o mesmo. Ele manteria, então, certo lastro de realidade nesse mundo tido como virtual, ainda que ele delegue sempre menor estatuto de realidade para esse lugar. Com efeito, essa tentativa é sempre falha. Não há, por exemplo, nenhum marcador psíquico que alerte para uma inverdade da experiência nas redes sociais, sobretudo quando o sujeito está ali mergulhado. Há apenas a eventual afirmação, ainda que sempre presente, de que aquele lugar, de alguma forma, não é *tão* real. Aqui, que fique claro, colocamos lado a lado a experiência do sujeito “pós-smartphone” e do sujeito conspiratório para afirmar que, para além de formas muito similares de relação com o Outro, elas são consequentes: o sujeito conspiratório é o destino do sujeito pós-smartphone, quando a transição torna-se tão aversiva que deixa de ser arriscada. Na verdade, quando o sujeito passa a desconhecer a distinção entre o virtual e o real, como há de ser: o uso pleno da realidade virtual, da rede social, implica a imersão completa, em última instância a singularidade. Se quisermos dizer que os perfis somos nós — e esse é o conflito — teremos de dizer que a realidade é uma só, e é isso que observamos como exemplo último na experiência do sujeito conspiratório. Discorreremos sobre essas afirmações escandalosas mais à frente.

interrogação e, conseqüente e simultaneamente, desautorização, rebeldia²². Não se trataria, portanto, de um esforço psicótico, como às vezes nos dá a entender a radicalidade de algumas teorias, mas deliberados (na medida do possível).

Mas como pode se dar, no universo totalitário da Matrix, do simulacro em que há perfeita interação entre concreto e virtual, desconfiança no Simbólico? Dá-se, como sabemos, pela falha (*glitch*), falha Simbólica, que fura a Imagem — quase como o Real fura a realidade. Mas, novamente, como pode haver falha Simbólica no simulacro se no simulacro exclui-se o Simbólico? O erro inevitável das máquinas ao criar a Matrix é inserir o sujeito na Matrix, sujeito no qual está implicado o Simbólico — para o sujeito, há sempre Real, Simbólico e Imaginário. Os protagonistas conseguem sair da Matrix e confrontar seus arquitetos. Não obstante, 20 anos depois, o homem parece, no contexto do ciberespaço de Zizek e do sujeito pós-smartphone, fazer uma espécie de caminho inverso, de forma especialmente intrigante no caso do neonazista, em que propõe-se sair da Matrix pela entrada na Matrix. Entendemos, então, inicialmente, mais ou menos assim o que é *teoria da conspiração*: entrar na Matrix para escapar da Matrix²³.

A partir do exemplo neonazista, colocamos duas questões: o que vem antes, o neonazismo ou o sentimento conspiratório?²⁴ A essa questão, a resposta mais rasa é a de que, evidentemente, tratar-se-ia do sentimento — *o ímpeto conspiratório desenha a conspiração*.

²² É um bom momento para esclarecer que essa rebeldia, o ímpeto de desautorização, se dá em função do Outro — questionar o Outro é, em ato, pressupor sua existência. Um esforço para mostrá-lo que não é importante, movimento que é transparente em sua impossibilidade de sucesso, que é por desenho — o sujeito diz não se importar o Outro por sua atenção. Nesse sentido, não há consecução da desautorização, apenas tentativa. Por definição, lembramos, essa desautorização é impossível.

²³ A contradição existente nesse movimento — que também provoca confusão nos autores — diz respeito, nos parece, à formalidade lógica que espera-se das coisas, condizendo assim de alguma maneira com o que viemos dizendo ao longo deste trabalho — que o fenômeno do (neo)nazismo remete à inconsciência das coisas, inconsciência à qual essa lógica formal não serve. Se reduzirmos, contudo, o argumento que desenhamos até aqui à descrição dos eventos, ele se confirma até pouco ambicioso — falamos *grosso modo* apenas o que nos diz o senso comum: que o sujeito adere à conspiração por mal estar com a ordem das coisas. Nosso avanço é propor argumentar que o sujeito pós-smartphone faz um caminho semelhante.

²⁴ A pergunta é realmente confusa, uma outra formulação dela é: para o antissemita, havia antes do nazismo o sentimento antissemita como presente no nazismo? Ou, dito de mais uma forma: havia nazismo naquele que se tornaria nazista antes da fundação do nazismo?

Porém, maior reflexão sobre essa asserção nos leva ao impasse de que não poderia haver o ímpeto sem que já estivesse desenhada a conspiração, ou seja, que o sujeito não pode suspeitar da conspiração se a desconhece — consciente ou inconsciente. Retomaremos esse impasse mais tarde. De toda sorte, uma observação mais simples é a de que a doutrina neonazista se confunde bastante com o que entendemos como uma teoria conspiratória — tanto do neonazista quanto da *alt-right*. Daí falamos na segunda pergunta: *qual a relação entre a teoria da conspiração e a alt-right?* Ressaltamos a importância desta pergunta. É usual que nossa reação à teoria conspiratória seja a de graça, às vezes interesse e, no fim, desconsideração, não só da teoria mas daqueles que a trazem. Todavia, ao pensarmos na doutrina da *alt-right* e do neonazista como, de algum modo, uma teoria conspiratória fica bem claro que a desconsideração tem um papel importante no seu sucesso. Essa pergunta não terá uma resposta conclusiva, mas tentaremos, a seguir, demonstrar, a partir do discurso da direita alternativa, em sua iteração neonazista e olavista, a utilidade dela na elucidação tanto do fenômeno da teoria conspiratória, quanto da própria *alt-right*.

5. O idiota e a pandemia

Das benesses da teoria conspiratória, pode-se destacar como altamente relevante o restabelecimento da confiança Simbólica, proporcionado justamente pela substituição da realidade anterior por uma nova realidade, e aqui já nos referimos à realidade como relativa ao fantasma fundamental — a maneira com que o sujeito se relaciona com o objeto *a*. Contemporaneamente, o sujeito conspiratório abandona a realidade virtual, disposta sobre o mundo concreto, por uma outra, articulada *grosso modo* da mesma maneira (virtual sobre concreto), mas excluindo-se o Simbólico original, no contexto do qual deu-se em outro momento a castração. No caso do antissemita, num primeiro momento de desenho da conspiração, trata-se da exclusão do Judeu, ou seja, da exclusão do judeu como objeto — cujo correlato fora do simulacro é sua exclusão como sujeito.

Para uma elucidação disso, podemos olhar para o que Meteoro (2019) define como o “idiota contemporâneo”, em contraste com o “idiota original”. Este, na Grécia Antiga, era assim definido por adotar a posição de não participar da vida política, aquele que abria mão dos assuntos concernentes à Cidade para ater-se aos seus assuntos próprios. Ser politicamente alienado era ser inútil à pólis (Michael, 2013) e, portanto e por definição, algo que destituía o sujeito de sua cidadania. Se por um lado existe aqui evidente conotação pejorativa no título de idiota, por outro existe uma importante boa notícia: o idiota não interfere nem na política nem na cidade (Meteoro, 2019). O idiota lá, então, permanece, ainda que sutilmente, a par da ordem Simbólica, não há desconfiança Simbólica, mas indiferença a ela. Essa pode ser a chave para separar a realidade do sujeito pós-smartphone daquela do antissemita: enquanto ambos se perdem nos tentáculos do novo simulacro, o primeiro se vê completamente indiferente à ordem Simbólica e o segundo se vê em conflito com ela. Estaria, pois, na verdade, o neonazista indignado pelo desrespeito do sujeito contemporâneo (*normie*) com a ordem Simbólica? Mas o que faz o neonazista não é igualmente desrespeitar essa ordem

Simbólica? Precisamente, *o antissemita desrespeita a ordem Simbólica para restaurar a ordem Simbólica (do desrespeito original)*²⁵. O desconfiado, não o indiferente, é o idiota contemporâneo. A tragédia, aponta Meteor (2019), é que o idiota contemporâneo interfere, mais que nunca, e definitivamente, na *pólis* e seus assuntos.

Deleuze (1994, apud Michael, 2013) introduz uma figura semelhante, a do idiota filosófico²⁶, em dois momentos. No primeiro temos o sujeito que superestima sua habilidade para o pensamento a ponto de acreditar não precisar de suporte algum, de pressupostos, que insiste em sua capacidade pessoal para o pensar (Michael, 2013; Deleuze, 1994), o pensador privado (Beckman, 2009). No segundo momento, apresenta-se um retrato ainda mais radical, o idiota que nem ao menos busca a verdade pela dúvida, mas que prega o absurdo, o idiota criativo.

The old idiot wanted indubitable truths at which he could arrive by himself: in the meantime, he would doubt everything, even that $3 + 2 = 5$; he would doubt every truth of Nature. The new idiot has no wish for indubitable truths; he will never be “resigned” to the fact that $3 + 2 = 5$ and wills the absurd. [...] The old idiot wanted truth, but the new idiot wants to turn the absurd into the highest power of thought — in other words, to create. The old idiot wanted to be accountable only to reason, but the new idiot, closer to Job than to Socrates, wants account to be taken of “every victim of History” — these are not the same concepts. The new idiot will never accept the truths of History. The old idiot wanted, by himself, to account for what was or was not comprehensible, what was or was not rational, what was lost or saved; but the new idiot wants the lost, the incomprehensible, and the absurd to be restored to him. (Deleuze & Guattari, 1994, p. 62-63).

Esses dois momentos do idiota filosófico — o cético e o criativo — estão bem localizados no movimento conspiratório. O primeiro no membro, e o segundo, no líder. Exemplifiquemos com determinados momentos de um dos textos selecionados para a análise. É absolutamente oportuno, pois se trata do encontro desse líder com seus seguidores, no contexto da direita alternativa brasileira. A temática é a Covid-19, adotada como objeto

²⁵ *Entrar na Matrix para escapar da Matrix.*

²⁶ Enquanto Deleuze (1994) utiliza o conceito referindo-se a uma espécie de lado idiota do filósofo, utilizamos o conceito de maneira radicalizada: como se nesse filósofo só houvesse o lado idiota.

enfático de questionamento por parte dos sujeitos conspiratórios. O cético diz: A contenção da pandemia só pode se dar por meio da ação nas fronteiras nacionais (Brasil Sem Medo, 2020). Sua justificativa está no fato de que, contido nacionalmente, o vírus não se espalhará. Ele defende o isolamento. Até aqui não observamos o ceticismo, afinal essa era uma recomendação das autoridades à época, mas ele se apresenta por outros meios. A desconfiança dele é mais ampla, ela é relativa ao *status-quo* “liberal globalista” — se durante a pandemia propôs-se que os cidadãos permanecessem em seus países de origem, antes se dava o movimento inverso, de integração entre as nações, o “mundo sem fronteiras”.

É desse projeto que o sujeito conspiratório discorda, e durante a pandemia a sua discordância, ele entende, é suportada pelos eventos. Ele afirma: o “projeto globalista [...] tem fracassado”, “se mostrado impotente” na resolução da problemática do vírus. O modo com que as nações devem enfrentar a pandemia é contrário ao modo com que as nações vinham lidando com suas fronteiras antes da pandemia. O questionamento desse *status-quo* é, então, acompanhado de determinada cautela: ele questiona com algum respeito, faz referência às suas regras internas²⁷. Ele questiona os modos com que se fazia antes, apontando que agora se faz o correto. Finalmente o “estabelecimento liberal” poderia perceber a importância do controle rígido das fronteiras nacionais. O sujeito conspiratório finalmente teria seu posicionamento reconhecido pelo sistema, em relação ao qual ele, não obstante, enfatiza a sua discordância e ceticismo. Ele comemora também porque sua tese acerca do manejo das

²⁷ Podemos observar essa ambivalência no questionamento, por exemplo, quando o sujeito conspiratório critica a “mídia brasileira” em sua cobertura acerca da pandemia, declarando que a “mídia do mundo inteiro”, já em fevereiro, determinava que a “culpa” pela pandemia era, sim, da China, em oposição ao que estaria ocorrendo no Brasil (Brasil Sem Medo, 2020). Aqui — como em Carvalho (2013), que exploraremos mais tarde — o sujeito utiliza declaradamente das informações da própria instituição questionada para fundamentar, positivamente, suas críticas a instituição. Especialmente, a crítica da *alt-right* à “mídia” revolve sobre a imprecisão das suas informações, o que redobra a estranheza da utilização dessas informações como indicativas da verdade dos fatos. Encontraremos mais tarde, nesse mesmo vídeo, nos mesmos termos, Olavo de Carvalho mencionando um suposto documento proveniente da União Europeia — a maior das instituições “globalistas” — para reforçar sua tese sobre o “esquema comunista Russo-Chinês” como responsável pelo “empreendimento” da pandemia. Ele ainda reforça: “não sou eu que estou dizendo”, é a União Europeia! O que se dá aqui é crucial: a União, antro da conspiração, é utilizada pelo líder dos questionador como um título a reforçar a confiança do discípulo naquilo que ele está declarando.

fronteiras estivera o tempo todo correta — como se a pandemia estivesse ali desde antes do aparecimento do vírus. O raciocínio, ainda que tosco, é sólido: se os cidadãos tivessem permanecido em seus países de origem, o vírus não teria se espalhado da maneira com que ocorreu, não haveria pandemia²⁸.

O “nacionalismo”, perspectiva sob qual o sujeito conspiratório anuncia tratar essa questão das fronteiras, seria solução para pandemia. Seu ceticismo permanece, então, em relação ao contexto mais amplo, porque aqueles que ocultos dão as ordens da conspiração globalista, exatamente por discordarem das suas propostas, são os responsáveis diretos pela pandemia. Mas mais importante, o sistema estaria finalmente admitindo²⁹ o fracasso da sua abordagem e adotando as propostas do sujeito conspiratório. Não se trata do sujeito conspiratório tomar o lugar do estabelecimento, mas do estabelecimento ceder lugar a ele. A pandemia, sob essa leitura, marcaria o início do colapso do globalismo³⁰.

O idiota criativo, no entanto, tem menos respeito, sobretudo ao se dirigir aos seus discípulos, prontos para concordar com o que quer que seja dito. O discípulo busca sua opinião acerca das fronteiras e do nacionalismo, não questiona a existência da doença. O mestre, por sua vez, demonstra outro entendimento, fala prontamente em “suposta pandemia”, nem toca na questão a ele trazida. Segundo ele, não há nenhum caso confirmado do novo coronavírus, pois nenhum teste poderia ter dado positivo, porque, para que assim

²⁸ Assim, como conjecturava Zizek (2004), ainda que o sujeito conspiratório, cético, lute contra a ordem Simbólica e tente apreender tudo a partir das imagens às quais tem acesso direto, sempre permanecem os resquícios do Outro em sua experiência — a atração do cético pelo criativo sendo um outro indício. De toda sorte, a eficácia Simbólica é radicalmente minada, e os efeitos sociais disso é que são essenciais para a compreensão da relevância teoria conspiratória como um fenômeno político generalizado.

²⁹ Sobre a Alemanha, o “grande cérebro do globalismo europeu”, ele nos conta enfaticamente que “Angela Merkel [...] *admitiu* que a coordenação entre os países deu errado e que, de fato, as soluções nacionais tem sido mais eficazes do que uma solução dos burocratas dentro do parlamento europeu” (Brasil Sem Medo, 2020). Importa, então, não que o governo esteja errado, mas que a líder do executivo *admita* o erro. Para além da curiosa forma com que ele a parafraseia, Merkel, se lida sob suas próprias palavras, expressa uma conclusão inversa à do sujeito conspiratório acerca desse nacionalismo: “Nós temos de mostrá-los [líderes populistas] todo valor que advém da *cooperação* na União Europeia. Nós temos de mostrá-los que um retorno ao *nacionalismo* significa, não mais, mas menos controle” (Associated Press, 2020; tradução nossa).

³⁰ Não é incomum que um acontecimento com alguma relevância, como a pandemia, sinalize para o sujeito conspiratório o aguardado colapso civilizatório.

fosse, seria necessário o exame de cada um dos órgãos (Brasil Sem Medo, 2020). Isso nunca foi feito. Ora, é claro, o idiota criativo apresenta a forma correta de realizar-se o diagnóstico que, uma vez que só ele a conhecia, ninguém poderia ter feito. Sua defesa para essa asserção é que a verdade é muitas vezes inverossímil — ele ilustra com uma anedota sobre aqueles que traziam as notícias do Holocausto na Segunda Guerra e eram desacreditados pelo quão absurda era a história deles. A conclusão do líder é: trata-se, portanto, da maior onda desinformação da história (Brasil Sem Medo, 2020). Note que uma proposição dificilmente se segue da outra — não há nem a intenção nem a necessidade de que assim seja. Como Olavo certamente esperava, isso pouco importa para o discípulo, que prontamente concorda, e passa a tratar da “rede de propaganda Russo-Chinesa” que acabara, destaca ele, de adquirir a Rede Bandeirantes para divulgar vídeos do líder do Partido Comunista da China. O nacionalismo e a eficácia do controle de fronteiras no combate ao vírus não serão mais abordados, pois agora não há pandemia. O cético, que antes questionava a conduta do sistema com tanto afinco, com algumas palavras do líder, também contrário ao sistema, abre mão da tese que preparara.

Essa é uma relação curiosa. O ápice do idiota filosófico subverte aquilo a que servia sua idiotice no primeiro plano, indicando ser contraditório que o membro idiota se coloque à disposição de um mentor, seja este idiota ou não. Acreditamos que isso se explica da seguinte forma. As formulações do mentor idiota advêm de suas elaborações teóricas, que, embora tenham se tornado absurdas, decorreram da maneira como ele existia — pensava, sentia — em primeiro lugar, quando ele era apenas o hipercético, hiperbólico. Daqui vem a identificação e a confiança do membro para com o mentor idiota — elas não vêm, em princípio, de sua conclusão, mas da maneira por meio da qual se chegou a tal conclusão, sua maneira de pensar sobre si e as coisas, de desejar. As formulações desconfiadas do membro encontram respaldo nas afirmações do mentor, na medida em que a desconfiança do primeiro

constitui, estruturalmente, a afirmação do segundo. Se o Outro do cético remete a uma ordem Simbólica minimamente compartilhada, à qual ele está sempre solicitando alguma resposta, a emergência do mentor é capaz de acalmar esse desejo, porque a maneira com que o idiota criativo se refere aos fatos é decisiva, não há mais espaço pra dúvida. Mas ele o faz, ainda, duvidando de tudo que está aí — e por isso o fascínio do discípulo —, mas não há desconfiança em sua dúvida, a transformação dele está completa. É exatamente do que fala Deleuze: enquanto o cético quer julgar o que é ou não coerente — ou seja, fazendo necessariamente referência ao Outro —, o criativo transcende essa necessidade de referência. Ele é, de fato, a evolução final do cético. Quando analisado por essa via, honestamente supomos que este não seja o destino almejado pelo cético, se entendermos que ele é honesto em seu ceticismo. O cético busca a verdade, enquanto o criativo é a verdade.

Resumimos a história do idiota no seguinte: o idiota, por confiar somente em sua experiência para falar sobre tudo — e isso inclui os momentos em que ele pega emprestado as explicações do idiota criativo —, está usualmente errado, e, ao desconhecer isso, ele conclui, ainda, que os outros todos estão errados, o que, mais ainda, exalta-o a continuar idiota³¹. A dinâmica do idiota tem sua abrangência aumentada quando se torna possível a formação de um grupo de sujeitos que pensam, e desejam, da mesma forma, e que, mediante a identificação, se incentivam. Assim, talvez por conta da imaturidade filosófica³² que perpassa esse modo de pensamento, enquanto antes encontrava-se o idiota em instâncias singulares, e esses eram, por definição, alienados da política, o idiota atual é encontrado em número e em Auxiliado pelo mentor — que não é necessariamente um oportunista —, torna-se um

³¹ Isso lhe provoca, inclusive, a formulação de que é intelectualmente superior a esse resto.

³² Caracterizada, por exemplo, na impressão de que a experiência própria generaliza-se não só como a experiência universal, mas como a própria verdade, ou, como trazido por Beckman (2009) em referência a Deleuze, na ação de tomar o pensamento em sua pura Imagem, parando nela, sem questioná-la para além do que ela própria expressa. Ainda, podemos pensar esse problema em relação à noção corrente de indivíduo, que Fromm (1994) evoca como parte de um dos mecanismos para “escapar da liberdade”, no sentido de que essa Imagem é percebida como própria ao sujeito — trata-se do *seu* pensamento, *suas* ideias —, de forma que ideias alheias seriam mais facilmente adotadas por esse sujeito e percebidas como próprias e originais, ainda que não fosse o caso.

importante agente da política. Interessantemente, o idiota filosófico, em sua última instância, criativa, só poderá agir politicamente quando operando com seus discípulos, se levarmos à frente nossas suposições, pois a necessária interação reflexiva com a ordem Simbólica só poderá se dar por meio deles. O idiota de Meteyoro (ano) e de Deleuze (ano), termo que não tem aqui nenhuma conotação moral, encontra sua expressão máxima no sujeito conspiratório da realidade pós-smartphone, aquele que abrirá mão da ordem Simbólica para repará-la à sua suposta imagem³³. A certeza necessária a esse líder, contudo, põe o ceticismo em cheque — um precisa do outro, mas um corrói aquilo que outro quer ser. O cético, à medida que escuta o mestre, tem de deixar de lado seu ceticismo, suas teses, e o mestre, por sua vez, à medida que organiza os discípulos, terá de esbarrar no tão temido atrito pressuposto pela realidade, que resistirá ao seu absurdo. No fim, se estivermos perto de descrever o fenômeno corretamente, só assim ele poderá interferir no mundo que excede a sua redoma de seguidores, tendo de ceder a seu caráter político, tendo de encontrar com esse Outro que ele insiste em desconhecer — mas tenhamos, esse limite da ação criativa existirá apenas enquanto houver alguém fora da bolha.

³³ É claro, o Simbólico não será superado e a Imagem, como vimos, deverá ser fornecida por alguém que articule os discípulos, que dê voz a sua dúvida, dê a ela definitiva marca de verdade. A insistência Simbólica e a distorção Imaginária, lembramos, serão sempre fonte de sofrimento.

6. O neonazista contra o olavista

Em dado momento, Olavo de Carvalho (2013) nos conta sobre uma “perversão moral” levada a cabo por Freud, que em sua visão era um apologista e genitor de um movimento de indução da pedofilia, do incesto, da erotização infantojuvenil e da “homossexualização” sistemática do clero e da sociedade — sim, trata-se de um só movimento³⁴. Em outro momento, no mesmo livro, o autor conta que “cada analfabeto funcional que encontrei nesta vida imaginava ser o Dr. Freud em pessoa”; ainda na mesma obra, menciona Freud no sentido de insinuar que há algo de “insano” na “conduta homossexual”, tomando-o aqui aparentemente como uma referência válida; mais tarde, emprega a noção de ato falho do tipo “confusão” — categoria que admitimos desconhecer —, para formular que há “hoje em dia” a mistura indevida e intencional dos conceitos de “sexo” e “sensação orgásmica”³⁵, utilizando assim Freud, de modo atrapalhado, para contestar o suposto dispositivo homossexualizador que teria sido engendrado pelo próprio Freud³⁶.

Propomos essa introdução ao pensamento de Olavo de Carvalho aqui porque trata-se de mais um exemplo absolutamente prolífico do que descrevemos como o idiota filosófico, o teórico da conspiração, e cuja obra nos oferece também diversos pontos interessantes para análise. O título do trabalho citado acima — que confessamos selecionar pela ironia —, é “O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota”. A postura inicial do idiota filosófico

³⁴ No final deste capítulo, a propósito, Olavo (2013) clama que “a Igreja é acusada e humilhada porque está inocente” e que “seus detratores a acusam porque são eles próprios os culpados” (s/p), em referência a notícias relativas a prática de abusos sexuais encobertos por parte do catolicismo. Ele explica: não somente a homossexualidade de “padres pedófilos” fora “injetada” por “forças externas” (em referência ao preconizado movimento nascido com Freud), mas que a Igreja estava se curvando aos seus “atacantes” ao “sacrificar” alguns membros e fazer-se assim de bode expiatório na tentativa de “restauração da unidade ilusória de uma coletividade em crise” (s/p).

³⁵ Segundo ele, “é natural que, nesse quadro, o senso da relação sexual concreta desapareça e a palavra ‘sexo’ passe a significar qualquer coisa que facilite o acesso a *sensações orgásmicas*. Que semelhante processo venha acompanhado da *infantilização das massas* não é mera coincidência. A origem dessas confusões está ligada, evidentemente, ao sucesso das reivindicações feministas, gayzistas e similares.” Ele termina por propor uma correção do “ato falho”: “A relação sexual, na plenitude do termo, só se perfaz no contato entre a mucosa de um pênis e a de uma vagina no interior desta última” (Carvalho, 2013; grifos nossos).

³⁶ Não há no texto (Carvalho, 2013) nenhuma só tentativa de evidenciar nenhuma dessas asserções sobre Freud. Não há, por exemplo, nenhuma citação para além de seu nome.

é precisamente o que se expressa nessa fala de Carvalho: “Enquanto se intoxicavam [a universidade] de Eduardo Galeano, Noam Chomsky, Foucault, Derrida, e na melhor das hipóteses Nietzsche e Heidegger, brilhantes professores de confusão mental, coloquei para mim mesmo as questões fundamentais da filosofia política” (Carvalho, 2013, s/p). Enquanto a postura do idiota criativo, do absurdo, que sucede a fase cética, é visível quando ele emite suas postulações, por exemplo, acerca de Freud e seus conceitos — o momento em que ele não mais discorre sobre o que está dado, mas o produz. Mas mais importante para nós que demonstrar a idiotia em Olavo de Carvalho — como propomos na seção anterior — é chamar atenção para a gritante semelhança entre sua concepção sobre Freud e a aquela que tem o neonazista, semelhança que se dá justamente na esfera das teorias conspiratórias.

O neonazista (Duke, 2014) trata logo de expor seus argumentos que demonstrariam a responsabilidade de Freud, um “judeu radical”, por tal movimento de perversão moral e sexual. Ele começa por nomeá-lo, chama-o de “Revolução Sexual” — estratégia diferente da que se vale o primeiro autor, porque ela localiza melhor o evento a que se refere. Ao fazê-lo, dá algum lastro à teoria conspiratória, mas ao mesmo tempo revela sua imprecisão, já que a Revolução Sexual não propunha a destruição da família, como ambos exclamam que propunha. A colocação de Duke (2014) é: “Ninguém fez mais que Freud para destruir a família e para degradar a humanidade”; e a de Olavo (2013, s/p), “o movimento de indução à pedofilia começa quando Sigmund Freud cria uma versão caricaturalmente erotizada dos primeiros anos da vida humana”. A pedofilia e a erotização seriam uma das vias para a destruição intencional e calculada da família (Duke, 2014), as “ideias perversas de sexo entre pais e crianças que formam a base de suas [Freud] teorias”³⁷ (Frei, 2019a; tradução nossa).

³⁷ Frei (2017), em um outro artigo publicado no Daily Stormer, utiliza, como Olavo de Carvalho (2013), conceitos de Freud ao mesmo tempo que tenta desqualificar ele e sua teoria. Sobre a psicologia, ele aponta: “it is our current fixation on the subjective — on psychology, emotion, motivation — that will be our downfall. Unless we can cure ourselves of it.” Nesse texto o autor também promete uma série de artigos futuros que viriam a demonstrar como Freud, além de ter atrasado a humanidade ao propor a psicanálise e empurrar as

Até hoje, segundo Duke (2014): “em todos os lugares alcançados pela mídia globalista, ocorre essa *Revolução Sexual*. Ela deveria chamar-se *Desumanização Sexual* (tradução nossa, grifo nosso)”³⁸. Outra consonância entre as formulações é acerca da suposta reação da Igreja Católica às ideias de Freud, que teria, receosa sobre o declínio de seu poder, dado espaço para que as ideias pervertidas de Freud fruissem (Carvalho, 2013), consentimento esse que seria muito bem representado hoje pelo Papa Francisco, para eles um herege que não pode ser chamado de papa (Carvalho, 2019), justamente por ser mais um representante do movimento pedófilo-homossexualizante (Batty, 2020, Frei, 2019b).

Afastando-nos um pouco das considerações conspiratórias acerca de Freud, podemos compreender mais sobre essa teoria que o envolve a partir das palavras de Anglin (2014), fundador do *Daily Stormer*, em um discurso intitulado a “A Ressurreição da História”. É notória a sua indignação para com a promiscuidade que ele vê nos dias atuais. Após reiterar a *Revolução Sexual* como o marco do declínio da “sociedade ocidental”, ele coloca uma de suas críticas: “Disseram para as mulheres que elas podiam inflar seus egos e dar cabo à sua vontade de afeto dos homens, usando seus corpos para controlar os homens” (Anglin, 2014). Se olharmos superficialmente para o que fala o neonazista aqui, tradicionalismo é o que ele diz querer, uma tradição que coloca a mulher em seu suposto lugar “natural”, numa posição que afirma que ela não dispõe de qualquer atributo que diga respeito à sexualidade.

Ao mesmo tempo, a própria sexualidade é algo a não ser tratado por ele, é um assunto apenas abarcado para dar lugar, primeiro, àquilo que é direito e propriedade do sujeito antissemita e, depois, ao inimigo, que busca usurpar esse direito, das formas mais diversas e fundamentais. Anglin (2014) não deixa de ressaltar que a obsessão com a sexualidade é da

prejudiciais ideias do “subjetivismo”, mentira sobre ter sofrido com o antissemitismo durante sua vida. Frei também se propunha a discorrer sobre a pseudo-cientificidade de sua teoria, e como ela faria parte dos planos de Freud para promoção da dominação judia do mundo, algo com que Duke (2014) concorda. Essa promessa não foi levada à frente.

³⁸ Duke (2014) sublinha que a mídia globalista *inclui* a *MTV*, trecho ilustrado em seu vídeo por imagens da artista pop Madonna.

sociedade contemporânea, e precisamente o que ele deseja revogar. Este é um ponto a ressaltar-se — a tese de uma obsessão contemporânea com a sexualidade é central ao que fala o neonazista aqui e o que fala Olavo de Carvalho (2017) em “Cem anos de pedofilia”. A reincidência aponta para o óbvio: ou existe mesmo essa obsessão da sociedade ou, na verdade, a obsessão é desses sujeitos. Visto que não nos parece útil abarcar uma possível obsessão contemporânea com essa sexualidade, adotaremos o entendimento de que a obsessão em questão a que endereça-se a crítica do sujeito conspiratório.

Ora, se a mulher aqui não carrega nada de sexual, esse homem tradicionalista não poderia dispor de inclinações sexuais em relação a ela³⁹, e assim não haveria motivos para que ele discorresse sobre a temática — afinal, a relação sexual não teria a ver com a “sensação orgásmica”, com gozo, mas diria respeito apenas ao mero contato entre mucosas genitais (Carvalho, 2017). Novamente, o que está em jogo não é uma tentativa de propor-se uma ideia, transmitir conhecimento, trata-se de uma mensagem ao inimigo — aqui, claro, confunde-se a mulher com o inimigo⁴⁰, e o destinatário declarado desse capítulo é uma jornalista cujo gênero e local de trabalho o olavista não poderia deixar de mencionar, e a quem ele oferece essa explicação sobre o “sexo” que ele julga faltar-lhe por suas disposições

³⁹ Quer dizer, se a mulher não detém aquilo que lhe causa desejo, do que é que fala o sujeito em questão?

⁴⁰ Essa confusão tem emergência de modo radical na experiência do *incel*, cujo dilema é exatamente esse: o conflito em relação ao que lhe causa desejo, a ambivalência refletida por aquele que serve como esse objeto, elevada à radicalização máxima de uma vida pautada pela reafirmação do ódio a esse objeto, ao qual o sujeito, rejeitado, alega não querer ter acesso, mas ao qual, ao mesmo tempo, sua experiência não escapa por um só segundo. Esses grupos guardam importante relação com neonazismo norte-americano na *alt-right*, por duas vias: em primeiro lugar, esse machismo é compartilhado, a rejeição à sexualidade feminina é repetida, trata-se da mesma *manosphere*, e, por isso mesmo, muitas vezes os sujeitos são os mesmos, há um encontro entre os neonazistas e os inceis (cf. Sol, 2020), intersecção que abrange a *alt-right* como um todo (Hoffman, Ware & Shapiro, 2020); em segundo, observamos que trata-se da reincidência da dinâmica basilar das ideologias totalizantes, a eleição de alguém/algo que consolide por completo o mal a ser eliminado. Quando tratamos do judeu como nomeado pelo nazista, por exemplo, a ambivalência em relação a esse objeto causa-de-desejo (cf. Zizek, 1992; Vergara, 2020) é bem menos intuitiva. Mas quando abordamos a mulher, essa relação é evidente — o inimigo é causa-de-desejo. Trata-se, ainda, de uma radicalização da experiência do objeto *a*, essa no campo ideológico, porque ele não mais pode ser grosseiramente localizado em alguém específico, em uma interação específica, mas algo que perpassará a experiência desse sujeito de um modo imponentemente sufocante, certamente caracterizando um sofrimento psíquico importante. E é essa a função desse espantalho: ele não pode, por definição, amar de volta, ou odiar, de sorte que a responsabilidade por tal impossibilidade, na fantasia, recai sobre o objeto, assim deixando de incidir sobre o sujeito, processo que não se dá sem falhas, a primeira delas sendo o fato de que esse mesmo sujeito é efeito desse objeto.

psíquicas (cf. nota de rodapé 37, p. 32). Aqui, cabe perguntar: qual o objetivo dessa mensagem, qual o propósito de (a) nomear mais uma vez o inimigo, (b) insistir em informá-lo de que é inimigo? Observamos novamente o ímpeto em desqualificar aquilo que remete ao Outro, mas com evidente intenção de chamar-lhe a atenção. Reitera-se o incômodo com a promiscuidade — que aqui inclui a homossexualidade e, ao que parece, o sexo com funções não reprodutivas, ou seja, de obtenção de prazer —, mas, interessante, a promiscuidade é *culpa* da mulher, motivo por qual ela deverá entender do que se trata no sexo, ser colocada em seu lugar.

Esse lugar, lembremos, é estipulado por determinada tradição referida pelo neonazista, do qual o referido “progressismo” buscaria retirá-la (Anlgin, 2014), em um conflito nomeado por Carvalho (2017) como a “Guerra Cultural” contra o movimento que busca “a extinção completa dos valores morais e religiosos tradicionais” (p.85). Nesse sentido, temos notícia de que o tradicionalismo é compreendido como esse processo de colocar as coisas no seu devido lugar, e que o “progressismo” é indicativo do contrário, da desordem característica da “secularização” da “sociedade ocidental” sendo introduzida pela preconizada Revolução Sexual, sendo a mais perversa das promiscuidades, central a essa desordem.

Temos, assim, que esse sujeito conspiratório entende que o Outro está falhando em sua pretensa tarefa de estabelecer a ordem das coisas e, ainda, que a incompletude do Outro não é por definição, mas que há alguém/algo causando-a, deliberadamente — temos aqui uma demonstração do que fala Zizek (2004) sobre a radicalização da inexistência do Outro que acompanharia o colapso da eficiência Simbólica em tempos de ciberespaço. Em Carvalho (2014), há também indícios desse anseio de restauração⁴¹, aqui mais correntemente nos

⁴¹ Fazemos aqui uma concessão a Carvalho (2014). Diz ele: “Como a existência de uma direita é um requisito estrutural da normalidade democrática, sua supressão faz com que as formas patológicas de direitismo se sintam chamadas à missão sagrada de recolocar as coisas em seus lugares, como se sua própria existência não fosse

termos de impedir a continuidade dos planos destrutivos da esquerda no Brasil⁴² — os “Cem anos de PT”. O aspecto especialmente conspiratório da tese de ambos, mais do que a interpretação absurda que dão à Revolução Sexual, é a noção de que há, por trás desse evento, um grupo organizado, secreto, dando consecução a um plano específico. Esses conspiradores só aparecem sob os títulos vagos, como mencionamos na introdução — de comunista, esquerdista, judeu, degenerado, selvagem, analfabeto funcional — ou sob o nome de algum alvo específico, pessoa ou instituição, que não é diretamente parte do grupo dos conspiradores, mas que está a serviço dos conspiradores.

Retomando o propósito da mensagem, podemos falar de como o sujeito conspiratório tem a oportunidade de, ao entrar na direita alternativa, experienciar de modo inédito o controle desse objeto por meio do discurso. Em verdade, como sabemos, não se trata de um controle efetivo. A condição do sujeito conspiratório perante o objeto da conspiração é, apesar do que lhe parece, da mais absoluta sujeição, e a aparição do mentor conspiratório será certamente um meio de encontrar de modo mais honesto essa sujeição, da qual o sujeito conspiratório terá dificuldade de abrir mão. A isso serve teoria conspiratória, um exercício desesperado de identificação que não pode escapar daquilo que deseja controlar e eliminar

baseada na desordem” (p. 88). Essa colocação de Carvalho nos é intrigante, exatamente pela denúncia que faz de si própria, apontando assim para um fragmento do aspecto propriamente crítico, cético — anterior, como propomos — de seu pensamento. Reconhecemos que trata-se de uma crítica ao tradicionalismo de Anglin (2014), mas entendemos que trata-se de uma crítica contraditória àquilo que prega Olavo, e não de modo inocente, mas capcioso. Trata-se de mais um exemplo da concessão de que falávamos na seção anterior, quando o idiota criativo tem de dizer algo que condiga com aquilo que o cético certamente já imaginou por si próprio, para assim fazer política. Ao mesmo tempo, é mais um exemplo do esforço para negar algo que se é ao encontrar isso no outro, e então poder declarar “*isso não sou eu!*”, que é parte do processo identificatório de entificação do mal das ideologias totalizantes. Não obstante, além de fomentar essa entificação na página seguinte, como se não fosse extremismo — ao sugerir que o “político direitista” deveria ter como objetivo “destruir a esquerda, destruí-la politicamente, socialmente, culturalmente, de modo que nunca mais se levante e que ser esquerdista se torne uma vergonha que ninguém ouse confessar em público” (Carvalho, 2014, p. 89) —, ele dirá que é com “repugnância fingida com que os bons meninos da direita marcam sua distância de todo ‘extremismo’” e que, em completa oposição ao posicionamento do capítulo anterior, “só precisa ostentar moderação quem se envergonha da sua própria opinião a ponto de admitir, cabisbaixo e submisso, que ela só vale alguma coisa quando em doses moderadas. [...] Só o que é indiscutivelmente bom, como a inteligência, a beleza, a santidade ou a saúde, vale tanto mais maior a dose” (Carvalho, 2014, p. 89). Aqui, portanto, o autor não somente declara ser extremista, mas conta-nos sobre seu orgulho em sê-lo, além de condenar aqueles da própria “direita” que não admitem sê-lo.

⁴² Abordaremos mais o tradicionalismo olavista na próxima seção.

porque é exatamente por meio disso, do mal a ser entificado, que se dá a identificação. Se o sujeito endereça essas mensagens ao inimigo, é porque só assim o inimigo pode existir, e porque só assim esse sujeito vislumbra a possibilidade de fazer parte da ordem Simbólica. O desenho da teoria conspiratória é o exercício por meio do qual se produz o inimigo, processo em que o sujeito conspiratório experimentará a irresistível identificação imaginária que ele tanto abomina, entrando num simulacro para escapar do Outro. Cabe refletir mais sobre o papel social da teoria conspiratória. Por um lado, temos que se trata de uma modalidade fantasmática que servirá à identificação do sujeito com seus pares, dará materialidade a ela, proporcionando um tipo de relação que esse sujeito não havia experimentado até então. A relevância disso vem do fato de que este sujeito viu-se forçado a tamanha manobra para poder experimentar um mínimo de paz psíquica, ou seja, temos um problema social — e não podemos ser superficiais aqui, não se trata de tornar vítima ou patologizar esse sujeito conspiratório, mas colocar em perspectiva a conjuntura social que possibilita — obriga, para sermos mais precisos — tal modo de organização psíquica⁴³. Por outro lado, contudo, temos que essa identificação tem um teor relevante de negatividade, narcisismo e regressão. A emergência dos conspiradores, necessária para a constituição do sujeito conspiratório, aponta justamente para esse ponto de identificação negativa, quer dizer, o conspirador é a emergência da negatividade que captura a vida desse sujeito conspiratório — ele e seus pares — que, ao invés de sucumbir ao regime das imagens correto, socialmente em curso, concordar com o sofrimento implicado na distância entre o que se é e o que está no perfil, não aceitará a farsa social e, pelo mesmo processo, levará às últimas consequências o jogo da virtualidade. Ele se tornará o perfil, num movimento cujo resultado é a expulsão total da

⁴³ Essa afirmação caberia se tivéssemos dois sujeitos implicados em seitas conspiratórias, mas o fato é que temos hoje, como abordaremos na próxima seção, um número digno de populações nacionais que estão dispostos a por um pé dentro das mais inverossímeis e consequenciais das teorias conspiratórias (cf. Civiqs, 2020; YouGov-Cambridge, 2020; POLITICO/Morning Consult, 2020).

negatividade, da distância entre o Eu e o perfil, expulsão que só pode se sustentar na protração dessa negatividade, na coisificação de tudo aquilo que o Eu não pode aceitar ser. Eis o ímpeto conspiratório: ele antecede a formulação da teoria conspiratória, porque, na verdade, ele não diz respeito a conspiração alguma, mas ao mal-estar no simulacro, à experiência da radicalização da inexistência do grande Outro num mundo em que se fragmenta a ordem Simbólica, os quais vão, assim, deixando de funcionar.

Freud é um dos nomes que aparecem no texto dos sujeitos conspiratórios, como apresentamos anteriormente, como essa localização do conspirador. Freud, é claro, não é mais vivo, então a localização é incompleta — uma coisa é, para o sujeito conspiratório, aquele que engendra o movimento, ou que tenha até agido como sua liderança, outra coisa são aqueles que executam hoje, invisíveis, a agenda do suposto dispositivo homossexualizador. Mencionamos a não existência de Freud porque ela nos parece ter relação com essa rara instância da nomeação de um conspirador de tão alto calibre — o pai, como coloca Carvalho (2014), do movimento. Porque esse é o fascínio, essa é a característica decisiva na delimitação do sujeito conspiratório: sucumbir à impressão de que *eles* existem, mas a sustentação da impressão de realidade exige que eles sejam mantidos sempre, em algum nível, desconhecidos. Naturalmente, se tentamos seguir o fio, achar os representantes no presente de Freud, esforço ao qual o sujeito conspiratório certamente se deu, quem vem à mente em primeiro lugar são os psicanalistas e a psicanálise. Para o neonazista, a eleição de Freud tem um caminho mais definido. Freud era judeu e, como tal, adversário por definição. Como uma figura histórica relevante, relacionada com o evento da Revolução Sexual e, de fato, um crítico da repressão sexual em termos grosseiros — repressão que o neonazista diz ser desejável (Duke, 2014; Anglin, 2014) — seria estranho se Freud não fosse um alvo. É certo que o judaísmo de Freud provavelmente afeta o neonazista, que certamente expandirá seu antissemitismo à teoria freudiana. Mas, como vimos, a teoria freudiana é relativamente

secundária à crítica tanto do olavista quanto do neonazista. Ao contrário, os autores citados não hesitam em utilizar as postulações e conceitos de Freud para sustentar seus posicionamentos — a fantasia, o ato falho, a histeria, nem mesmo os sonhos escapam.

Mas para além dessa relação certamente superficial, embora relevante, voltemos à questão do judaísmo de Freud. Poder-se-ia dizer que o problema do neonazista com Freud é o problema do neonazista com judeu? Seriam duas questões distintas, que se entrelaçam, talvez? Estas são variações da questão que propusemos na seção anterior: “o que vem antes, o neonazismo ou o sentimento conspiratório?”, quando consideramos o caráter conspiratório do neonazismo na direita alternativa. Na verdade, a partir daqui podemos melhorar um pouco a questão: *no que diz respeito ao neonazista, vem primeiro seu antissemitismo ou seu sentimento conspiratório?*⁴⁴ Se mantivermos a tese que construímos até aqui, podemos localizar o antissemitismo exatamente entre o ímpeto conspiratório e a entrada na teoria da conspiração — o ímpeto conspiratório, de toda sorte, estaria na base do antissemitismo. Aqui temos um ponto em que nossa explicação encontra limitação. Enquanto sustentamos que parte do antissemitismo é constituída sim desse sentimento conspiratório, nos parece reducionista assumir que todo neonazista é apenas um teórico da conspiração e que seu antissemitismo limita-se à abordagem do sentimento conspiratório sob a ótica do judeu como culpado. Argumentaríamos que não se trata disso, mas sobre isso não nos debruçaremos por ora.⁴⁵

⁴⁴ Enquanto essas questões podem parecer irrelevantes, ou dificilmente respondíveis, acreditamos que há utilidade em refletir a partir delas, pois, ao fazê-lo, caminhamos em direção ao ponto em que se articulam três elementos cruciais para o entendimento do lado americano do nosso sujeito: o antissemitismo, o conspiracionismo e um tipo de extremismo político. Essa questão reporta também à questão maior deste trabalho, sobre a relação entre as teorias conspiratórias, a direita alternativa e o sujeito que habita esse mundo.

⁴⁵ Žizek (2004) alerta para interpretações desse gênero, que arriscam limitar a teoria conspiratória ao modo com que um determinado grupo de pessoas reagirá ao processo da modernização. Trata-se de uma modalidade fantasmática que dará suporte eventual os mais diversos grupos, mas nunca responderá pela totalidade dos afetos políticos em jogo.

Olhemos então para o lado brasileiro. Ao contrário do neonazista, o olavista indica ter pouco problema com o judeu⁴⁶. Na verdade, ele costuma exaltar Israel, ainda que por motivos obscuros⁴⁷. Assim, se tentarmos localizarmos algo que diferencie os discursos, o antissemitismo seria um bom termo. Isso pode nos direcionar para uma diferença fundamental na relação do olavista com Freud quando comparado com o neonazista, certa ausência do antissemitismo. Não obstante, assim como para o neonazista da *alt-right*, não são os psicanalistas que carregam a essência pervertida da teoria freudiana, do mesmo modo que não são os judeus ordinários a fazê-lo segundo o neonazista, e aqui os dois grupos se encontram nitidamente. Ambos aqui nos alertam sobre os marxistas culturais e comunistas, muitas vezes agrupados sob o título de esquerdistas, que usurparam a Universidade⁴⁸, “neomarxista” e “liberal”, tornando-a instituição agente do plano de extermínio da verdadeira cultura ocidental. Aqui está também outra figura que se esconde por trás de Freud: o intelectual. De toda sorte, no olavismo, o judeu mantém-se subtraído.

6. Trump e o Ocidente

Abordaremos agora o papel que exerce o líder político, em complemento ao líder filosófico, na sua relação com o movimento conspiratório – aqui, a direita alternativa –, partindo do modo com que o movimento o descreve, ou seja, partindo da própria teoria conspiratória. Na medida em que nos valem do líder filosófico como uma categoria de referência a essa posição de liderança, entendemos que a relação deste com o sujeito conspiratório é um tanto quanto distinta dessa do líder propriamente político. Nosso exemplo de escolha é o presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, exatamente pelo tipo de representação de que ele dispõe dentro do imaginário da *alt-right*. Exploraremos um

⁴⁶ O que não pode ser dito, lembramos, sobre todos os grupos que compõem a direita alternativa brasileira, que abrange também grupos neonazistas com as características definidoras da *alt-right* que discutimos na primeira seção.

⁴⁷ Essa exaltação, apesar de uma divergência com o *Daily Stormer*, tem precedentes na direita alternativa americana.

⁴⁸ Essa mesma suposta distinção entre o psicanalista e o universitário — que por sua vez remete à suposta cisão entre o acadêmico e o profissional, entre pesquisa e produção — aponta para superficialidade, a ignorância narcísica, da fantasia conspiratória, quando o sujeito constantemente se vale da autoridade da psicanálise enquanto questiona a idoneidade intelectual e moral de seu inventor.

texto do olavista Ernesto Araújo, Ministro das Relações Exteriores do Brasil, intitulado “Trump e Ocidente” (ano), que propõe a argumentar, dentre outras coisas, que Trump representa a grande oportunidade para que a “Civilização Ocidental” possa reverter o processo de decadência social generalizada, de desordem das coisas. O processo, lembramos, teria como um de seus principais vetores o dispositivo homossexualizador de Freud⁴⁹ que abordamos na seção anterior. Entendemos que (i) o tradicionalismo, o anseio de restauração, expressado nesse texto é exatamente o que expressa Anglin na “Ressurreição da História” (ano?), que abordamos brevemente nas páginas anteriores, e que (ii) esse tradicionalismo é uma expressão do sujeito conspiratório, em especial a tese do desaparecimento do Ocidente. Antes de evidenciar as semelhanças entre essas duas células da direita alternativa, pretendemos explorar como a posição de Trump no discurso da direita alternativa articula-se à maneira com que o sujeito conspiratório constitui a sua experiência por meio da teoria conspiratória.

Araújo inicia o seu texto inserindo-se na cultura popular americana de modo inesperado. Refere-se às particularidades do ano de 2016 no esporte que ocorrera num tal de “*superbowl*”, comparando-as à particularidade da emergência de Donald Trump como o novo presidente dos Estados Unidos. Ele conta que à época não contava com ninguém com quem compartilhar essa comparação, e por isso o faz nesse artigo — artigo de pretensão e forma eminentemente acadêmica. Essa maneira de se apresentar nos remete à maneira com que o ciberespaço permite ao sujeito compor sua imagem, de tal maneira que os limites geográficos, mesmo nacionais, poderão ter papel substantivamente reduzido nessa formulação. Ao mesmo tempo, retoma a problemática das limitações das possibilidades de identificação não-imaginárias impostas por esse cenário contemporâneo. Fato relevante, pois

⁴⁹ Assumimos esse entendimento pela constatação de que Araújo é discípulo de Olavo de Carvalho, credencial essa que possivelmente colaborou para sua nomeação no governo, e que ele não hesita em declarar. O texto que abordaremos, elogiado pelo publicamente pelo filósofo inclusive, teve papel na sua indicação (Folha, 2018).

Araújo é, de certa forma, um crítico da conjuntura social que envolve o ciberespaço⁵⁰ e toda a problemática de determinado decaimento simbólico. Mas como, ainda sim, sua crítica não é exatamente capaz de observar a si mesma, é tomada — nesse momento do texto em que passa desapercibida — como completa, não suscetível ela mesma de crítica, exatamente como o pensamento do idiota cético que apresentamos mais cedo. Tal imaturidade filosófica, como caracterizamos segundo Michael (2013) Beckman (2009) e Deleuze (1994), se fará ainda mais clara a partir do momento em que Araújo passa a denunciar o globalismo⁵¹, porque sem ele essa identidade americana de Araújo não poderia se constituir. Já reencontramos aqui também a vontade de desautorização, destruição talvez, daquilo que é essencial à constituição — e que se deseja restaurar — mas cuja a essencialidade não é percebida, dissimulada pelo simulacro da contemporaneidade.

⁵⁰ Não por acaso, ele diz mais tarde que: “Trump e a sua proposta de reconexão com o patrimônio mítico ocidental não seria possível, paradoxalmente, sem a internet. A internet, se por um lado constituiu o paroxismo da globalização e do desenraizamento do indivíduo, por outro pode tornar-se o instrumento que produz o fim da globalização, pois permite a volta do indivíduo” — ou do idiota — “à esfera política e o retorno de ideais e maneiras de pensar que já não tinham nenhum lugar na mídia oficial controlada pelo programa politicamente incorreto, inclusive o sentimento nacional, o princípio nacional da organização espontânea nacional” (Araújo, 2018, p. 351). Aqui encontramos, inclusive, indícios de uma certa dinâmica em que esse sujeito goza não apenas ao desvelar aquele que conspira e que roubou-lhe as maneiras de pensar [e de gozar, sobretudo] e o sentimento nacional — aqui a mídia e programa politicamente correto —, mas ao tomar para si o mecanismo por meio do qual agiu o conspirador para então destruí-lo — os mecanismos sendo a globalização e a internet.

⁵¹ O globalismo, esboça um membro da direita alternativa brasileira, é um “vasto movimento revolucionário que visa uma nova civilização, assim como os antigos impérios também visavam uma nova civilização [...] nós enxergamos que essa nova construção civilizacional ela tem alguns meios que eles vão dominando, só que eles vão causando muitos genocídios, muitas mortes, dissolução de valores, realmente uma sociedade doente, que é o que aconteceu com o ocidente. O Ernesto Araújo no artigo dele [Trump e o Ocidente], ele fala muito isso no artigo dele, ele fala realmente que o ocidente é realmente uma civilização que está doente, depois de tantas revoluções que nós passamos, isso ele deixa muito claro. E que nós devemos realmente, com o Trump agora, com o Bolsonaro também, ele fala que a figura do Trump por exemplo é uma volta àquele *ocidente raiz*, aquilo que *realmente formou a civilização ocidental e os laços históricos que nos unem dentro da própria civilização* — o direito, a filosofia clássica, fala sobre o cristianismo — os laços que formaram a civilização. E que realmente as nações são poderes temporais, são os homens que governam ali, esse poder temporal ele deve alinhar-se ao poder divino, ao poder extratemporal, ao poder transcendente. As nações devem sempre, em conjunto, caminhar [sic] toda sua sociedade para *um fim transcendente*, para a *causa final do homem*, para *qual o homem realmente foi feito*. [...] Esse é o pensamento realmente conservador, o pensamento raiz, *o conservadorismo sem um senso de eternidade ele não pode ser conservadorismo*. [...] Na idade moderna, nós teríamos o suprasumo da humanidade, que é onde nasceu o humanismo. Onde eles pegaram toda a construção cristã, como já defendia Joaquim de Fiore, e jogaram apenas na história, apenas nas instituições humanas, construídas e administradas, diluíram o cristianismo apenas numa concepção terrena. [...] Nós teríamos uma unificação em torno desse negócio terreno, secular, como se fosse uma religião civil. Então nós mataríamos esse negócio metafísico do cristianismo, nós teríamos uma religião civil. Eis a decadência de todo o Ocidente. E agora nós temos a questão do pós-modernismo, transumanismo. [...] Isso que nós devemos entender sobre globalismo, como não uma construção puramente ideológica, mas como um *novo* projeto civilizacional que vem aí *desde o começo da história* (Terça Livre, 2018; grifos nossos).

Ocorre que Araújo, se seguirmos seu texto, considera não se tratar de uma identidade imaginária com os EUA, mas de uma identidade simbólica com um certo Ocidente. Aquilo que é imaginário na fala de Araújo, contudo, evidencia o seu autoengano — o futebol americano e o *superbowl*, que lhe dão a impressão de ser ele mesmo exatamente como o estadunidense, como repetir-se-á ao longo do texto, em relação à Portugal, Europa, Ocidente⁵². Se tentássemos, a partir desse texto, julgar de qual lugar ele se vê parte, concluiríamos que ele é cidadão de todos esses lugares, e ele nos diz isso no texto, ele se vê como autor da história de todos esses lugares, porque trata-se de uma história só, ao seu ver, a do Ocidente. Segundo ele, essa autoria da história, uma história com batalhas, sangue, heróis, falta ao Ocidente de hoje, à Europa sobretudo. Ele diz: “Os europeus de hoje não sentem mais que façam parte da mesma história que seus antepassados, como sentiam até o começo do século XX” (Araújo, 2018, p. 345)⁵³, concluindo que “[o]s europeus de hoje podem até estudar sua história, mas não a vivem como um destino” (p. 346)⁵⁴. Assim como não é possível uma identidade nacional não-imaginária, não é possível essa identidade supranacional⁵⁵ à que Araújo adere e não obstante critica quando descrita nos termos do globalismo. Essa contradição — de não se ver cosmopolita, mas em alguma medida se ver parte de várias outras nações por meio da invocação do “espírito ocidental”, sustentada na asserção de que o nacionalismo cristão é a constante que permite tal identificação — é efeito da rejeição, inconsciente, daquilo que há de negativo no Ocidente à figura do globalista, isto é, efeito da emergência dos conspiradores na fantasia ideológica. Em outras palavras, a sua identificação

⁵² Não cometemos o erro de sugerir a crítica irrestrita à identificação imaginária, fazê-lo seria incorrer na incoerência demonstrada pelo texto sob análise — de um texto que desconhece suas origens. Muito menos pretendemos dar algum juízo moral a esse modo de relação que observamos, como faz Araújo ao longo do artigo. Antes, criticamo-lo conforme sua própria inconsistência, pela qual justamente o sujeito emerge, sujeito ao qual caberá sempre sua própria crítica.

⁵³ A partir daqui ele elencará uma série de eventos históricos em tom épico, parecendo-nos querer dizer que ele, Ocidental, fez parte disso tudo.

⁵⁴ Novamente constata-se a identificação imaginária com determinado europeu, que permitirá ao autor poder dizer como se sentem, no nível mais íntimo, não só os “europeus de hoje” mas também os europeus do passado.

⁵⁵ Ele o denominará “pan-nacionalismo”, dizendo também ser essa a “proposta” de Trump ao Ocidente.

supranacional é tida como genuína conquanto a das vítimas da “ideologia liberal pós-moderna” é tida como falsa por decorrer da ação dos conspiradores⁵⁶. Sem os conspiradores, nesse sentido, não seria possível que ele condenasse a identificação supranacional das vítimas do globalismo⁵⁷, na medida em que ele próprio engaja-se nessa dinâmica tão similar, dinâmica que paralelamente constitui a base da sua própria fantasia ideológica.

Retomando a perda da dimensão histórica e épica da existência, que é abarcada como um importante vetor da decadência do preconizado Ocidente, podemos aproximar o anseio de restauração tradicionalista de Araújo (2018) com aquele de Anglin (2014) “Ressurreição da História”, antes abarcamos como figura Trump nesse processo. Definindo a contemporaneidade segundo uma série de “libertações”⁵⁸, Anglin comenta:

Temos a libertação da religião, que levou à perda completa de um senso de um propósito maior para além do material e o vazio espiritual. Temos libertação da nossa história, que levou à completa ausência de uma identidade coletiva e então, como numa terra de ninguém, nós precisaremos do coletivo para nos definirmos, nós perdemos a nossa identidade pessoal (Anglin, 2014; tradução nossa).

Sobre a “guerra entre o liberalismo e o tradicionalismo”, ele prediz:

Em vinte anos, esse conflito, que apenas começou, seguirá. Nós, os homens europeus, ou teremos nos restaurado, ou será o fim do jogo. A história foi ressuscitada e agora entramos na era do grande descontentamento. A batalha final pela *alma da Europa*, em que tudo mudará quer ganhemos ou não (Anglin, 2014; tradução nossa).

Enquanto o neonazista insere o Judeu por trás das “hordas de islâmicos”, Araújo é menos racista ao vislumbrar o conflito: “A geração atual é chamada a retomar esse combate dramático contra os novos inimigos”, pois, como um tal filósofo francês⁵⁹ já disse, “o Ocidente está fadado a desaparecer diante do Islã, pois os muçulmanos estão dispostos a morrer por sua civilização” (Araújo, 2018, pp. 330-331). Portanto, a “luta pelo Ocidente não

⁵⁶ Estes aparecerão sob diversos títulos em seu texto, sendo alguns deles: “internacionalismo financeiro”, “globalistas”, “marxistas culturais pós-modernos”, “islamismo radical”, “mídia oficial”, etc.

⁵⁷ Não sugerimos aqui que existam essas vítimas do globalismo, apenas que o sujeito se define justamente pela negação dessa vitimização.

⁵⁸ O jogo de palavras é com o liberalismo, a noção sendo a de que a civilização teria aberto mão desses aspectos.

⁵⁹ O esquerdista Michel Onfroy, conta Araújo (2018).

começa no campo de batalha, começa no nosso espírito, na nossa vontade e na nossa alma. [...] Nossa liberdade, nossa civilização, nossa sobrevivência dependem dos laços da história, cultura e memória”, canta Trump àqueles que o assistiam em Varsóvia, na Polônia (p. 331), já em tempos de declínio democrático naquele país.

Se é com a alma que os ocidentais irão à batalha, é a aniquilação dela que está em jogo — “a perda da própria identidade ocidental, a perda do espírito” — e com ela a continuidade da Civilização Ocidental. Araújo (2018) entende que essa “alma humana é nacionalista” e que, de fato, trata-se antes de uma batalha interna. Não haveria “nada de uma ‘lógica de nós contra eles’”, mas “uma lógica de nós buscando a recuperação de nós mesmos” (p. 331). Araújo diz isso, contudo, sem deixar de mencionar um “inimigo externo”, aqui o “islamismo radical”, de modo a colocar sempre em cheque essa defesa contra a acusação de tribalismo, ao mesmo tempo aproximando esse inimigo, julgado externo, daquele inimigo compreendido como interno. Surge aqui a outra figura que permitirá ao sujeito conspiratório essa defesa. Figura que permitirá a terceirização daquilo que o sujeito não pode admitir ou aceitar, que permitirá a asserção de que “essa visão do Ocidente não implica um conflito com o não Ocidente” (Araújo, 2018), porque um outro diz: “Temos confiança em nossos valores para defendê-los a qualquer custo? Temos respeito suficiente por nossos cidadãos para protegermos nossas fronteiras? Temos o desejo e coragem de preservar nossa civilização diante daqueles que querem subvertê-la e destruí-la?” (Trump, apud Araújo, 2018, p. 330). Esse outro é o herói, cuja aparição se dará em termos tão negativos, no sentido formal, quanto a do conspirador, ainda que o caráter positivo seja aquilo que mais se evidencia no modo com que é exaltado pelo sujeito conspiratório.

O conspirador, como argumentamos, encapsulará aquilo que há de incorreto na ordem das coisas, de modo evidente, e aparecerá ao sujeito conspiratório exatamente ali onde ele falta, onde ele não aparece; a inconsistência do Outro é, desta forma, compreendida como

fruto de uma conspiração. O herói, contudo, joga um outro jogo com o Eu conspiratório — um jogo que esse sujeito joga muito mais sozinho do que o herói com ele, ainda que, a depender do personagem em questão, o herói possa criar condições para que o jogo seja muito mais irresistível. Ele diz ao sujeito aquilo que ele quer escutar. Dizer o que o sujeito conspiratório precisa escutar é o que define o herói, o que o faz ser percebido como tal. Sobre ele observamos duas coisas importantes. Num primeiro ponto, o momento em que esse herói fala aquilo que sujeito conspiratório não pode falar — talvez por que não tenha a coragem, talvez porque não tenha o vindo à consciência, talvez porque determinada expressão venha a por em suspeita os pressupostos de vida que esse sujeito defende —, o que exemplificamos acima. Num segundo ponto, quando da identificação com esse herói, como indicou-nos Freud (ano?) em *Psicologia das Massas*, os traços que o aproximam desse sujeito não concernem a suas características evidentes, positivas, mas àquelas latentes⁶⁰, aqui socialmente questionáveis, seus afetos proibidos — aquilo que circunda, nesse caso do sujeito conspiratório, justamente a figura do conspirador, o inimigo. Com efeito, para que o herói se torne parte dessa fantasia ideológica, será necessário o conspirador, redobrando o papel dos meios negativos no acesso desse sujeito à teoria conspiratória, aqui a experiência do Ocidente.

Se o herói é herói, é porque salvará o sujeito da conspiração. Araújo (ano), nesse âmbito, nos conta sobre “a proposta”, como ele se refere a constantemente, de “Trump ao

⁶⁰ Esse ponto nos fornece certa luz para compreender como, no caso de Trump, temos um líder que representará aos seus seguidores, por exemplo, a possibilidade última de pretensa reinscrição do cristianismo nas bases do tecido social — pretensa porque o cristianismo nunca deixou esse lugar —, enquanto para aqueles que o observam menos apaixonados é patente não se tratar de alguém particularmente religioso. Como esse sujeito conspiratório se vê em Trump, à medida que Trump demonstra esses completos desvios em relação aquilo que prega a religião, mas ainda assim representa o religioso maior — aquele que propõe seu sacrifício para ver salva a religião e a humanidade, ou o Ocidente —, esse sujeito poderá ver-se, agora que pode melhor menosprezar esses desvios, como ele também esse religioso perfeito. Não trata-se de uma dinâmica que se explica apenas nesses termos. Um outro vetor essencial é exatamente o conspirador; por exemplo, ao ser ele a causa dos desvios religiosos em primeiro lugar, na medida em que ele corrompe a ordem social de modo tão incisivo que a resistência aos desvios faz-se muito impossível — e o líder reflete também isso: até ele, em sua grandeza, não pode resistir à manipulação dos conspiradores, sendo ele inclusive mais uma evidência da conspiração.

Ocidente”. Aqui, a propósito, ele encontra *QAnon*⁶¹, que se voltará exatamente sobre essa preconizada proposta de Trump ao Ocidente, ou à América⁶², do herói ao sujeito conspiratório, quer dizer, Enfatizemos, essa proposta é vista em Trump, mas é reflexo da expressão do sujeito conspiratório, e por isso mesmo independe de que ele, Trump, seja honesto naquilo que ele diz⁶³.

As propostas de Trump ao Ocidente são as mais diversas ao olhar do sujeito conspiratório, mas nos limitaremos a uma das iterações que chamou-nos mais atenção, aquela a de uma “terapia civilizacional” em que consistiria essa batalha interna⁶⁴ pela restauração do espírito. Araújo (2018) nos diz que:

Trump propõe ao Ocidente uma espécie de trabalho jungiano — realçar a figura do herói, recriar a narrativa da busca e das tribulações desse herói, uma terapia civilizacional cuja chave está em reencontrar o contato com um inconsciente coletivo abandonado, sufocado sob os golpes do liberalismo tecnocrático e do politicamente correto (p. 331).

⁶¹ *QAnon* é um conjunto de teorias conspiratórias cujo nome provém do usuário da rede social anônima *4chan*, “*Q*”, que as introduziu, e continua a fazer, ao conhecimento popular em 2017 (Amarasingam & Argentino, 2020). O usuário alega ter informações privilegiadas de dentro do governo americano, declarando assim que parte da administração pública dos EUA tem pleno acesso a tais informações, caracterizando o “estado profundo”. O amplo conhecimento público da teoria, a propósito, num primeiro momento deveu-se a ação de criadores de conteúdo do YouTube que deram tração às postagens de *Q*, que, limitadas ao *4chan* e *8chan*, teriam um alcance muito menor sem eles. Simplificadamente, suas teses sustentam que existe, irremediavelmente ligado ao poder e o Estado dos EUA e às democracias ocidentais como um todo, um articuladíssimo grupo de satanistas que se utilizam de seu grande prestígio político-econômico para manter um círculo de exploração sexual de menores de idade ativo no mundo inteiro. Esse círculo de pessoas, antes apresentado pela teoria *Pizzagate* — pizzarias sendo um dos locais onde se dariam os atos criminosos —, será tido como responsável por eventos de grandes proporções, como a pandemia de Covid-19 e a campanha presidencial de Hillary Clinton em 2016, considerada importante membro do grupo. Na verdade, o nível de controle que esses conspiradores teriam sobre os assuntos internacionais seria tamanho que o próprio estado das coisas, o “*stablishment*”, estaria sob suspeita, de modo a ser imprescindível uma revisão radical. Donald Trump estaria a par dessa conspiração, e sua eleição teria como objetivo último dar fim ao empreendimento pedófilo e o estado profundo, sua candidatura sendo efetivamente um esforço inspirado pelos mesmos ideais de *Q*, ou seja, pela deposição desse círculo e libertação do povo dos EUA dessa elite nefasta (cf. Papisavva et al., 2020).

⁶² Segundo Araújo (2018), os Estados Unidos são o último bastião do Ocidente, uma espécie de resistência do espírito europeu. Interessantemente, o Brasil não lhe vem a mente aqui, apesar de ser definitivamente parte desse Ocidente descrito no texto, que em outro momento até equivalerá Trump, e sua “proposta”, a Bolsonaro.

⁶³ Colocamos essa questão nesses termos porque acreditamos que esta maneira usual de discutir o tema — se Trump seria um charlatão ou não, louco ou não — pode nos levar para uma discussão que torne nossa tentativa de compreender os seguidores dele numa tentativa de compreender ele, um esforço que certamente não pretendemos aqui.

⁶⁴ Esta batalha contra o “inimigo interno” aparece sob múltiplas roupagens também, o que recoloca em evidência o caráter absolutamente ambivalente da fantasia ideológica desse sujeito. Apenas no texto de Araújo (2018), encontraremos ele como “niilismo”, “o abandono da própria identidade”, “o autoesquecimento”, “impulso autodestrutivo”.

Ou seja, por meio do conspirador, o sujeito conspiratório é, em certo nível, capaz de capturar seu sofrimento psíquico e torná-lo um mal-estar generalizado, que acomete toda uma civilização, mas de modo mais radical do que pode parecer à primeira vista — não é o caso de que ele perceba o sofrimento em si e assuma ser o sofrimento dos outros; não, ele julga não ser acometido pelo sofrimento que acomete todos os outros, sendo a cura aqui o desvelamento próprio da conspiração, pois só é possível recuperar esse espírito, a personalidade perdida, se houver antes a convicção de que eles foram roubados. Infelizmente, do mesmo modo que o conspirador usualmente não será encontrado no mundo concreto, o retorno a esse passado não se dará pelo simples fato de que não existe.

A elaboração de Araújo nesse ponto é particularmente interessante pela admissão que ele ensaia sobre a inexistência desse passado, ou do próprio Ocidente, e, assim, por como esse “trabalho terapêutico” proposto por ele em Trump desconhece as características reais de um trabalho terapêutico, mas redobrará seus esforços na insistência da fantasia. É interessante que ele considere, nesse contexto, que é esse o trabalho jungiano⁶⁵, uma sorte de exaltação do arquétipo e do mito. Sua justificativa para tal entendimento está no fato de que Deus existe para Jung e sua psicanálise, ao contrário da de Freud (Araújo, 2018). O mito ocuparia um determinado lugar na psicanálise de Jung que pode garantir sua verdade. É Deus, por sua vez, que garante a verdade do mito para esse sujeito, e então da psicanálise junguiana, e por isso a sua aposta na fantasia, na “recuperação do mito”, porque existe essa entidade inquestionável a avaliar o investimento. Por isso a assunção de que é disso que se trata no trabalho terapêutico em Jung. Aqui, Freud não pode compreender o mito, ou a alma⁶⁶, ou o trabalho terapêutico, por não conhecer o Deus de Araújo. Deus que, é claro, Araújo assume ser o

⁶⁵ Não discorreremos sobre o que é a psicanálise ou o trabalho terapêutico em Jung, mas reconhecemos como a confusão entre sua proposta e esse tradicionalismo místico decorre certamente de uma porta aberta pelo próprio Jung, e não em qualquer contexto (cf. Roudinesco, 2009).

⁶⁶ Interessantemente, Araújo fala sobre a recuperação da noção de alma em contraposição ao materialismo liberal (Araújo, 2018), que fala em mente, sem dar-se ao trabalho de discorrer sobre o uso do termo em Freud. Já sobre a noção em Jung, ele alega que “há Deus na alma”.

mesmo de Jung, o que por sua vez garantirá a genuinidade de sua teoria. De novo, o sujeito conspiratório só verá sentido no mundo quando houver esse efeito imaginário em torno desses objetos eminentes — o herói, o conspirador, Deus —, “metafísicos” diz-nos Araújo, é isso que falta ao Ocidente: metafísica. E é isso que Trump promete:

Em Jung, como em Trump, não se trata de desvencilhar-se das ilusões para tentar manter uma saúde mental medíocre — como para Freud e muitos liberais — mas de aprofundar-se naquelas pretensas ilusões e descobrir que elas, na verdade, constituem o substrato e a realidade básica capaz de dar sentido à vida psíquica e levá-la a um nível superior” (Araújo, 2014, p. 331).

Não poderia o sujeito conspiratório ser mais claro. Aqui ele apreende que denominamos fantasia, essa coisa que constitui o substrato básico da realidade, mas sob o erro fatal de reconhece-la pelo que é. Não, para o sujeito conspiratório, como para o sujeito pós-smartphone, trata-se de embarcar de fato nesse universo imaginário, o que para Araújo — e para Trump e Jung, em sua visão — constituirá, seja lá o que isso quer dizer, numa forma superior de psiquismo. É isso que quer dizer esse sujeito ao afirmar que o “presidente [Trump] quer submeter o Ocidente a uma terapia de recuperação da personalidade perdida” (Araújo, 2018, p. 332).

Nesse sentido, o herói seria o núcleo do procedimento supostamente terapêutico. A leitura de Araújo, interessante, encontra em até determinado ponto a leitura psicanalítica da psicoterapia, como suspeita ele próprio, na medida em que o herói ocupa esse lugar de suposta superioridade diante do sujeito em análise — uma superioridade, ainda que fundamental num primeiro momento, essencialmente enganosa, expressão dos fantasia do sujeito em análise. Mas há uma diferença radical da concepção de Araújo, que se faz rapidamente evidente — enquanto o analista buscaria a desconstrução dessa forma de relação, o herói desempenhará o contrário. Se um analista auxiliaria o sujeito na tarefa de elaborar do que se trata a emergência do conspirador na experiência, o herói — e lembremos, é isso que o define como herói aqui — insistirá na experiência da conspiração, aqui o

Ocidente, como a única experiência possível — porque essa é a função do herói, ele serve à fantasia, e ele tem de servir pois trata-se do único lugar em que ele existirá. Aqui podemos vislumbrar o quanto aquele que é nomeado herói, quando minimamente existente no mundo concreto, poderá tirar proveito desse contexto, e o tamanho do impacto que poderá causar.

Se levarmos ao fim a contraposição da concepção de Araújo (2016) do trabalho terapêutico de Araújo — “a proposta de Trump” — com um processo de real de análise, seria se o terapeuta permanecesse naquele suposto lugar; um que acreditasse, segundo a fantasia de seu analisando, que ele está mesmo nesse lugar, que é digno dele, que ele realmente sabe mais sobre o sujeito do que ele mesmo, que é mestre do sujeito.⁶⁷ E é isso em que Araújo diz crer — que Trump sabe mais sobre esse sujeito do Ocidente do que ele mesmo, e é assim que ele o salvará. É apenas isso o necessário para a manutenção da teoria conspiratória, essa sorte — um sujeito que esteja disposto a, por um lado, apostar em suas teses pessoais para a restauração da ordem Simbólica, cuja destruição implica esse conspirador e, por outro, ver essas teses refletidas num herói qualquer, disposto a estender-lhe as mãos na guerra pela destituição da conspiração⁶⁸, sempre sem o entendimento fundamental de que não há um sem o outro. Enquanto houver o herói, haverá o conspirador.

⁶⁷ Esclarecemos: Araújo propõe a aposta infinita na suposição de saber, um sujeito que nunca apreende a extensão real da sua fantasia, e um analista que não deixa essa posição. Ele acredita não só que é esse o trabalho em terapia, em Jung, mas que é isso de que precisa a Ocidente. Nós, evidentemente, dizemos o contrário — um analista deve ser analista e não herói.

⁶⁸ Quer dizer, a fantasia ideológica do sujeito conspiratório passa por esse processo constante de concretização, ainda que permaneça nesse sujeito esse ímpeto para um esforço destituição dessa fantasia ideológica, mas a destituição da fantasia é externalizada. Nesse sentido, o ímpeto conspiratório poderia ser compreendido como uma variação do desejo de saber, de análise. Entretanto, a superação da fantasia deixa de ser um esforço pessoal, subjetivo, para se tornar uma de fato guerra, nos campos de batalha do mundo virtual, o nosso mundo. A fantasia é compreendida como o estado real das coisas — assim como as postagens nas redes sociais — na medida em que os conflitos da existência são atribuídos ao conspirador, e é isso a teoria conspiratória. Por isso dizemos que, ao contrário do que postula Araújo, essa emergência do herói tem o mesmo efeito da emergência do conspirador, são personagens que agem pela conspiração, pela manutenção da fantasia, e por isso mesmo o trabalho que Araújo identifica como a proposta de Trump, bem como o tradicionalismo de Anglin, são empreendimentos totalmente distintos do que esperamos no processo terapêutico. Ao mesmo tempo, refazemos o alerta essencial sobre a preocupação fundamental que o analista deverá ter, essa de não se ser herói. A importância dessa reiteração está em suas implicações quando considerado esse movimento de virtualização da experiência, da aposta no simulacro, pois o sujeito pós-smartphone sujeito não é só esse novo analisando, conspiratório ou não, mas ele próprio. Ele próprio tem seu perfil na rede social, ele próprio encontra a todo instante o ímpeto conspiratório — e assim se forma o *Daily Stormer* ou o grupo de Olavo de Carvalho, o encontro do ímpeto conspiratórios por meio da localização do conspirador.

8. Considerações Finais

A pesquisa em psicanálise muitas vezes carrega esse aspecto de terminar sem chegar a um fim, sem responder a uma hipótese, sem conter resultados para além do que se propõe a discutir. A isso, no nosso caso, serve esta seção, em que não propomos um resumo do que tratamos, mas a tentativa delimitar o tipo de implicação ou utilização que pode prover nosso trabalho, oferecendo-lhe esse fim provisório.

Em primeiro lugar, trata-se de deixar claro que aquilo que foi abarcado não diz respeito ao divã da maneira como pode parecer. O sujeito conspiratório é uma categoria para análise que apresentamos como uma forma de explorar melhor um fenômeno, uma característica da expressão subjetiva de um determinado grupo de pessoas. Não fizemos pesquisa alguma no campo da clínica, os sujeitos sobre quais discorremos, assim, não emergiram da associação livre, mas dos textos de caráter eminentemente político que produziram em algum momento de sua vida. Além de tratar-se de um retrato de um ponto muito específico no tempo, trata-se também de um tipo específico de expressão com objetivos muito distintos dum texto que se proponha ao desvelamento de problemáticas inconscientes. É evidente que, como pudemos observar em vários momentos deste trabalho, o inconsciente não deixará de se expressar, a transferência, conforme Rosa (2004), não deixará de ocorrer. Mas a tentação de reduzir os sujeitos trabalhados a essas ocasiões deve ser absolutamente combatida, pois levará a modalidades de reflexão tão regressivas quanto às apresentadas no curso do trabalho. Nenhum dos sujeitos abordados procurou análise, então o que fizemos foi discorrer sobre textos, e não pessoas. A análise, por sua vez, esta é feita entre pessoas, algo muito distinto do que fizemos aqui. Antes, as questões que tratamos referem-se a esfera da atividade humana que denominamos política. A propósito, cabe reforçar, este trabalho tem um caráter político, nos mesmos termos que não existe metalinguagem. Nossas observações nunca poderão ser tomadas como aquelas de alguém além da política, pois isto

não poderia ser menos falso que o fim da linguagem clamado por Elon Musk (Zizek, 2020). Mencionamos isto para que fique registrado para aqueles que não tenham percebido. Essa é uma característica que, no nível do que se propõe, distinguirá a pesquisa em psicanálise daquela em ciências, humanas ou exatas — a implicação radical entre sujeito e objeto, entre pesquisa e existência, teoria e prática, uma problemática que fazemos questão de recordar aqui, conscientes de que tal recordação incomodará alguns leitores.

Assim, em segundo lugar, trata-se de dizer, com Safatle (2020), que muito do que tocamos não encontrará resolução no divã, mas na política. Quer dizer, “problemas políticos pedem ações políticas” (Safatle, 2020, p. 6). Mas então, por que trazer a psicanálise até aqui? Se quisermos ser obnoxios, a política será tocada pelos sujeitos, esses passíveis de análise se desejarem. Mas não se trata disso. O que propomos é uma maneira de pensar sobre o fenômeno da teoria conspiratória sob a luz da psicanálise, sob a perspectiva do sujeito psicanalítico, e a maneira como o fizemos tem consequências políticas. Se a psicanálise pode ter efeitos políticos será por meio dessas consequências que surgem quando a intersecção entre os problemas é tão inevitável, crucial como é no nosso caso. Essa intersecção, lembremos, foi apresentada a nós pelos próprios textos que tomamos como ponto de partida, cujos autores, neonazistas e olavistas, não hesitaram em mencionar Freud repetidas vezes, em pontos centrais de suas teses, assim como o esvaziamento do espírito, a dissolução da personalidade, etc. Ou seja, não é que o que tratamos limite-se à política, ou que a política não encontre a psicanálise, mas, exatamente, é propor-se a compreender o mundo em toda extensão que pudermos, e não de disciplina em disciplina. Ao mesmo tempo, trata-se de deixar claro que o que propomos não é de maneira alguma a redução da política ao psicológico, que caracterizaria mais uma incidência desse pensar as coisas de modo contraproducente — ainda mais ao considerarmos a tendência, tão evidente nos textos analisados, de patologizar grupos inteiros de pessoas, pensá-los como de algum modo

inferiores, inconciliavelmente distintos de nós. É uma tendência que não atinge apenas esses sujeitos nas franjas, como gostamos de pensar, mas a todos nós, sobretudo nesses momentos de extrema divisão política e a imaginarização da vida social que ilustramos com a figura do sujeito pós-smartphone. Muito menos afirmamos, ressalte-se, que a nossa é uma sorte de explicação definitiva e correta do fenômeno, ou que os discursos selecionados são de algum modo oficiais ou totalmente representativos da alt-right.

Mas então quais as consequências políticas da compreensão da teoria conspiratória nos moldes da nossa proposta? Não cabe a nós dizer, mas àqueles que lerem nosso trabalho — concordando ou discordando da nossa leitura — e quiserem com essa leitura fazer política. Nesse contexto, Safatle (2020) nos conta sobre como Lacan entendia que a função da política era da ordem do esclarecimento e resolução desses problemas, políticos, de modo parecido com o que propõe a psicanálise, no esclarecimento de problemas psíquicos⁶⁹, ambos os campos objetivando tornar a existência humana “menos confusa”. A consequência constante que a psicanálise fornece à política, nesse sentido, já está aí há muito tempo, sendo ela o simples mas radical reconhecimento do sujeito da ação efetiva, o sujeito do inconsciente (Safatle, 2020). Falar nesse sujeito é também colocar em escrutínio a noção de liberdade, tão central à maneira como concebemos a ação política e o exercício democrático, é indagar se a equivalência entre emancipação e as experiências de autolegislação, autogoverno e autogestão (Safatle, 2020) podem realmente caracterizar uma ação política realmente digna de seu nome, quer dizer, uma ação política que resulte na efetiva superação dos conflitos, ainda que temporária, e não apenas uma redação da mesma coisa em outros termos, nessa dinâmica tão parecida com deslocamento inconsciente descrito por Freud. Desconsiderar essas implicações é fazer nossas decisões e opiniões políticas menos esclarecidas e, mais importante, é fazer da política menos do que ela pode ser.

⁶⁹ Problema no sentido de questão, conflito, não no sentido de transtorno, patologia.

9. Referências

- Adorno, T., Frenkel-Brenswik, E., Levinson, D. J., & Sanford, R. N. (2019). *The authoritarian personality*. London: Verso.
- Amarasingam, A., & Argentino, M. (2020). The QAnon Conspiracy Theory: A Security Threat in the Making? *CTC Sentinel*, 13, 37-44.
- Anglin, A. (2016). *A Normie's Guide to the Alt-Right*. [Artigo de opinião]. The Daily Stormer. Disponível em: <https://dstormer6em3i4km.onion.link/a-normies-guide-to-the-alt-right/> [*deep web*].
- _____. (2014). Andrew Anglin in London. [Discurso em vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=v_4_XE2hQwc&bpctr=1520712048 Acessado em 9 de novembro de 2017.
- Araújo, E. H. F. (2018). Trump e o Ocidente. *Cadernos de Política Exterior*, 3(6), 323-357.
- Associated Press. (2020). Germany's Merkel: Pandemic highlight the limits of populism. Disponível em: <https://apnews.com/article/370843b81848bb0fa21e1b05bd530c30>. Acessado em 1 de novembro de 2020.
- Azevedo, S. D. R. (2013). Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. *Filogênese*, 6(2), 148-162.
- Batty, R. (2020). *Salvini Makes Fun of Pedro Pope, Proves Other Catholics Can Too!* [Artigo de opinião]. The Daily Stormer. Disponível em: <https://dailystormer.su/salvini-makes-fun-of-pedo-pope-proves-other-catholics-can-too/>
- Beckman, F. (2009). The Idiocy of the Event: Between Antonin Artaud, Kathy Acker and Gilles Deleuze. *Deleuze Studies*, 13(1), 54-72.
- Brasil Sem Medo. (2020). *As fronteiras nacionais contra a epidemia chinesa*. [Discussão em vídeo]. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=152886609293812>

- Butz, A. R. (1985). *The Hoax of the Twentieth Century: The case against the presumed extermination of European Jewry*. Torrance, CA: Institute for Historical Review.
- Carvalho, O. (2013). *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. Editora Record.
- _____. [@opropriolavo]. (2019, 28 de setembro). *Para mim, esse Bergoglio já deu no saco. Ele não é Papa nem no sentido mais figurado do termo:*
https://youtu.be/MqtX6b5xbc4. [Tweet]. Disponível em:
<https://twitter.com/opropriolavo/status/1177953122637041671?s=20>
- Cesarino, L. (2019). Identidade e representação no bolsonarismo. *Revista de Antropologia*, 62(3), 530-557.
- _____. (2020a). *Pós-verdade: uma explicação cibernética*. [Artigo não-publicado]. Disponível em: https://www.academia.edu/41347109/P%C3%B3s-verdade_uma_explic%C3%A7%C3%A3o_cibern%C3%A9tica_preprint_
- _____. (2020b). How social media affords populist politics: Remarks on liminality based on the Brazilian case. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 59(1), 404-427.
- Civiqs. (2020). *Report: Americans Pessimistic on Time Frame for Coronavirus Recovery*. [Pesquisa de opinião não publicada]. Civiqs. Disponível em: <https://civiqs.com/reports/2020/9/2/report-americans-pessimistic-on-time-frame-for-coronavirus-recovery>. Acessado em 20 de novembro de 2020.
- Clarke, S. (2002). Conspiracy theories and conspiracy theorizing. *Philosophy of the Social Sciences*, 32(2), 131-150.
- Cosentino, G. (2020). *From Pizzagate to the Great Replacement: The Globalization of Conspiracy Theories*. Em: *Social Media and the Post-Truth World Order* (pp. 59-86). Palgrave Pivot.

Deleuze, G., & Guattari, F. (1994). *What is philosophy?* New York: Columbia University Press.

Deleuze, G. (1994). *Difference and repetition*. New York: Columbia University Press.

Dias, A. A. M. (2019). “*Esse governo com certeza incentiva a existência de células neonazistas*” [Artigo jornalístico]. Vice Brasil. Disponível em:
https://www.vice.com/pt_br/article/j5y73y/esse-governo-com-certeza-incentiva-a-existencia-de-celulas-neonazistas

Duke, D. (2014). *Freud, Zionism and Sexual Revolution*. [Vídeo]. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=CuXIozVW5e4&feature=youtu.be&bpctr=1572907633/>. Acessado em 31 de outubro de 2019.

Dunker, C. I. L., Paulon, C. P., & Milán-Ramos, J. G. (2016). *Análise Psicanalítica do Discurso: Perspectivas Lacanianas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores.

Elia, L. (2000). *Psicanálise: clínica e pesquisa*. Em: Alberti, S., & Elia, L. (2000). *Clínica e Pesquisa em psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, pp. 19-35.

Finchelstein, F. (2020). *Entrevista: ‘Bolsonaro é o populista que mais se aproximou do fascismo na história’, diz Federico Finchelstein* [Entrevista]. The Intercept Brasil. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/07/07/bolsonaro-populista-fascismo-entrevista-federico-finchelstein/>

Folha de São Paulo. (2018). *Novo chanceler, Ernesto Araújo foi indicado por Olavo de Carvalho* [Artigo jornalístico]. Folha de São Paulo. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/11/novo-chanceler-ernesto-araujo-foi-indicado-por-olavo-de-carvalho.shtml>. Acessado em 20 de novembro de 2020.

Frei, D. M. (2017). *Schlomo Freud and the Assault on Reason*. [Artigo de opinião]. The Daily Stormer. Disponível em: <https://dailystormer.su/schlomo-freud-and-the-assault-on-reason/>

- _____. (2019a). *Carl Jung, Schlomo Freud and the Rejection of Semitism*. [Artigo de opinião]. The Daily Stormer. Disponível em: <https://dailystormer.su/carl-jung-schlomo-freud-and-the-rejection-of-semitism/>
- _____. (2019b). *The Pope is Allowing Jews to Tell Him What to Say*. The Daily Stormer. [Artigo de opinião]. Disponível em: <https://dailystormer.su/schlomo-freud-and-the-assault-on-reason/>
- Freud, S. (1996). *Psicologia das massas e análise do ego. Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Fromm, E. (1994). *Escape from freedom*. London: Macmillan.
- Goldstein, A. A. (2019). The New Far-Right in Brazil and the Construction of a Right-Wing Order. *Latin American Perspectives*, 46(4), 245-262.
- Gortazar, N. (2019). *Encontro ultraconservador busca novo fôlego bolsonarista em meio à perda da popularidade*. [Artigo jornalístico]. El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/13/politica/1570994671_481129.html
- Hoffman, B., Ware, J., & Shapiro, E. (2020). *Assessing the Threat of Incel Violence*. *Studies in Conflict & Terrorism*, 43(7), 565-587.
- Hofstadter, R. (2012). *The paranoid style in American politics*. Vintage.
- Horbach, C. B. (2018). Internet e eleições no Brasil. *Revista eletrônica de direito eleitoral e sistema político-REDESP*: n. 3 (jul./dez. 2018).
- Kalil, I. O. (2020). *Conversas com o Meio: Isabela Kalil*. [Entrevista em vídeo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=88m6YRNUWTU>.
- Katz, A. (2017). *Unrest in Virginia*. [Artigo jornalístico]. Time. Disponível em: <http://time.com/charlottesville-white-nationalist-rally-clashes/>. Acessado em 15 de outubro de 2017.

- Lagoas, J. M. (2016). *O problema da percepção na psicanálise de Freud a Lacan*. Tese de doutorado não-publicada. Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Luscombe, R. (2020). *Trump celebrates Fourth of July by stoking division over pandemic and race*. [Artigo de opinião]. The Guardian. <https://www.theguardian.com/us-news/2020/jul/05/trump-july-fourth-speech-rushmore-coronavirus-race-protests>
- Lyons, M. N. (2017). *Ctrl-Alt-Delete: The Origins and Ideology of the Alternative Right*. Somerville, MA: Political Research Associates.
- MacDonald, K. B. (1994). *A people that shall dwell alone: Judaism as a group evolutionary strategy, with diaspora peoples*. iUniverse.
- _____. (1998). *The culture of critique: An evolutionary analysis of Jewish involvement in twentieth-century intellectual and political movements*. Westport, CT: Praeger.
- McCann, B. (2018). Brazil's New Right. *Dissent*, 65(2), 114-121.
- Meteoro Brasil. (2019). *Tudo o que você precisou desaprender para virar um idiota*. Planeta.
- Michael, M. (2013). The idiot. *Informática na educação: teoria & prática*, 16(1).
- Nagle, A. (2017). *Kill all normies: Online culture wars from 4chan and Tumblr to Trump and the alt-right*. John Hunt Publishing.
- Nemer, D. (2019). *Grupos Pró-Bolsonaro no whatsapp não se desmobilizaram com a vitória. Pelo contrário, estão mais radicais*. [Artigo de opinião]. The Intercept Brazil. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/08/23/grupos-pro-bolsonaro-whatsapp-estao-mais-radicaais/>
- Orlandi, E. P. (2006). *Análise do Discurso*. Em: Orlandi, E. P., & Lagazzi-Rodrigues, S. (2006). *Introdução às Ciências da Linguagem: Discurso e Textualidade*. Campinas: Pontes, 2006, pp. 12-28.
- _____. (2015). *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.

- Papasavva, A., Blackburn, J., Stringhini, G., Zannettou, S., & De Cristofaro, E. (2020). “*Is it a Qoincidence?*”: *A First Step Towards Understanding and Characterizing the QAnon Movement on Voat* [Artigo não publicado]. Disponível em:
<https://arxiv.org/abs/2009.04885>
- Preston, P. (2012). *The Spanish holocaust: Inquisition and extermination in twentieth-century Spain*. WW Norton & Company.
- Räikkä, J. (2009). On political conspiracy theories. *Journal of Political Philosophy*, 17(2), 185-201.
- Rosa, M. D., & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Revista Psicologia & Sociedade*, 22 (1), 180-188.
- Roudinesco, E. (2009). *Jung: do arquétipo ao nazismo*. Em: Roudinesco, E. (2009). *Em defesa da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Safatle, V. (2020). *Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação*. Autêntica.
- Safatle, V., Silva Júnior, N., & Dunker, C.I.L. (2018). *Patologias do social: Arqueologias do sofrimento psíquico*. Autêntica.
- Santos, F., & Tanscheit, T. (2019). Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil. *Colombia Internacional*, (99), 151-186. Disponível em:
<https://dx.doi.org/10.7440/colombiaint99.2019.06>
- Smith, D. (2020). *US under siege from 'far-left fascism', says Trump in Mount Rushmore speech*. [Artigo jornalístico]. The Guardian. Disponível em:
<https://www.theguardian.com/us-news/2020/jul/04/us-under-siege-from-far-left-fascism-says-trump-in-mount-rushmore-speech>

- Stanley, J. (2020). *A Democracia Brasileira*. [Artigo de opinião]. Quatro Cinco Um.
- Disponível em: <https://quatrocinco.um.folha.uol.com.br/br/artigos/l/a-democracia-brasileira>.
- Uol. (2020a). *Bia Kicis usa máscara com a frase "E daí?" na Câmara e rebate críticas*.
- [Notícia]. Uol. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/21/bia-kicis-mascara-e-dai.htm>
- Uol. (2020c). *Médica afastada pelo Einstein pede desculpas após fala sobre holocausto*.
- [Notícia]. Uol. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/07/12/medica-afastada-pelo-einstein-pede-desculpas-apos-fala-sobre-holocausto.htm>
- Vergara, F. M. (2020). *A exclusão social como base do discurso neonazista contemporâneo*. Relatório de Pesquisa de Programa Iniciação Científica. Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Wilson, A. F. (2018). #whitegenocide, the alt-right and conspiracy theory: How secrecy and suspicion contributed to the mainstreaming of hate. *Secrecy and Society* 1(2).
- Wilson, J. (2017). *Man charged with murder after driving into anti-far-right protesters in Charlottesville*. The Guardian. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2017/aug/12/virginia-unite-the-right-rally-protest-violence>. Acessado em 15 de outubro de 2017.
- YouGov Cambrige. (2020). *Globalism 2020 – Guardian Conspiracy Theories* [Pesquisa de opinião não publicada]. YouGov Cambrige Center. Disponível em: <https://docs.cdn.yougov.com/msvke1lg9d/Globalism2020%20Guardian%20Conspiracy%20Theories.pdf> Acessado em 20 de novembro de 2020.
- Žižek, S. (2001). *Did Someone Say Totalitarianism?: 5 Interventions in the (Mis) Use of a Notion*. London: Verso.

Žižek, S. (2002). *Welcome to the desert of the real!: five essays on September 11 and related dates*. London: Verso.

Žižek, S. (2004). What can psychoanalysis tell us about cyberspace? *The Psychoanalytic Review*, 91(6), 801-830.